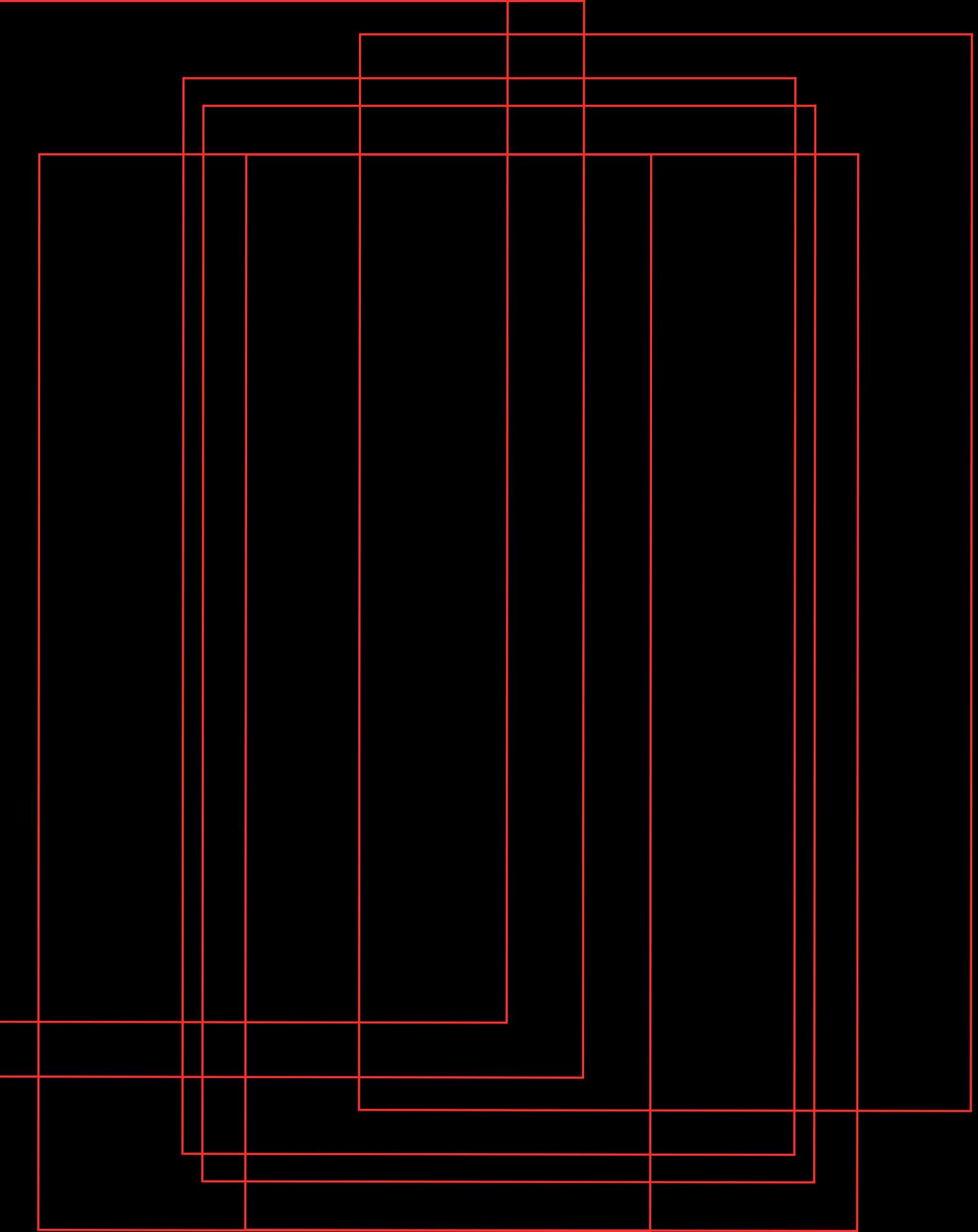


DE QUEM  
É A NOITE





**DE QUEM**  
**É A NOITE**

**Editor-chefe: Vitor Braga**

**Direção geral: Anderson Santos, Julyan Bomfim,  
Matheus Correia**

**Chefe de redação: Pollyane Martiniano**

**Direção de arte Mickael Severo**

**Reportagem:**

**Alessandra Lima, Andressa Thainara, Artur Henrique, Beatriz Caroline, Beatriz Domingos, Bruno Carlos Monteiro, Erlânia Soriano, Gabriel Ricardo, Jobson Viana, Klebson Ferro, Luciano Araújo, Matheus Florêncio, Samara Santos, Shayane Lourenço, Thamyres Costa**

**Diagramação:**

**Carolyne Lima, Bruna Beatriz, Giovanna Aguiar, Mickael Severo, Paulo Dantas, Vanessa Thalia, Wesley Trajano**

**Grafismo: Pedro Vinícius**

**Fotografia e edição de imagem: Handerson Vieira**

Produto editorial desenvolvido na disciplina Oficina de Edição de Mídia Impressa e Digital.  
Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas  
Campus A. C. Simões.  
Maceió (AL), setembro de 2025.

Jornalista responsável: Vitor Braga (MTE 1009 AL).

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

Os termos desta licença estão disponíveis em  
<<https://creativecommons.org/licenses/>>

DE QUEM  
É A NOITE

# SUMÁRIO

Imagem de fundo: Filipe Mariz/Reprodução

Editorial ..... 06

## QUEM FAZ

- A noite e seus impactos econômicos:  
como a vida noturna movimentada cidades ..... 10
- Como os produtores independentes  
fazem a noite maceioense “brilhar” ..... 14
- Da ascensão comercial ao resgate  
cultural: o renascimento do Jaraguá ..... 20
- A economia noturna em Maceió:  
sustento, criatividade e resistência ..... 26

## QUEM VIVE

- Quem tem medo da parte alta? ..... 36
- Nem só de aplausos vive o artista ..... 42
- O ritmo que pulsa em Alagoas:  
a ascensão e os desafios do samba e pagode local ..... 48

A difícil rotina da dupla jornada .....	54
Quando a noite é trabalho: o outro lado da diversão maceioense .....	64
A vida por trás das luzes: quem mantém Maceió desperta enquanto parte da cidade dorme .....	70
Do palco à pista: a música que move a noite de Maceió .....	74

## QUEM FREQUENTA

A tenda da noite, um lugar de acolhimento .....	80
Entre a distância e a paixão, torcedores de Flamengo e Atlético-MG movimentam a noite maceioense .....	86
Noites mais família .....	92
Quem faz acontecer: a noite de quem cria sua própria festa .....	102
Sobre os autores .....	108

# EDITORIAL

*Anderson Silva*

*Julyan Bomfim*

*Vitor Braga*

**A** noite sempre foi um território de contrastes: espaço de lazer e descanso para uns, de trabalho e resistência para outros. Em Maceió, ela se revela em suas diversas camadas, carregando impactos econômicos, sociais e culturais que ultrapassam o simples cair do sol. A cidade pulsa diferente quando as luzes se acendem, e nesse compasso se movem histórias, encontros, trabalhos e sobrevivências que merecem ser contadas.

Esta obra nasce, portanto, da inquietação de olhar para a noite não apenas como um período marcado pelo relógio, mas como um fenômeno social capaz de revelar as múltiplas identidades de Maceió. Ela percorre os caminhos da economia, da arte, da cultura, da memória e da resistência, mostrando que a noite é um organismo vivo, em constante transformação. Aqui, o leitor encontrará narrativas que vão além da super-

fície, mergulhando nas contradições e encantos desse universo que nunca é apenas um.

O que se abre diante de quem folheia estas páginas é a oportunidade de enxergar a noite maceioense em suas diversas expressões. É perceber como ela se converte em motor econômico ao movimentar bares, casas de show, restaurantes, praças e feiras, mas também como se transforma em espaço de afetos e acolhimento para quem nela busca refúgio. É compreender que a noite é feita por artistas que sobem aos palcos em busca de reconhecimento, por produtores independentes que reinventam a cena cultural com poucos recursos e muita criatividade, por trabalhadores que sustentam silenciosamente o ritmo da cidade enquanto parte dela descansa.

Ao longo da leitura, o leitor será conduzido por cenários que vão das pistas de dança

ao silêncio das madrugadas, das rodas de samba que ecoam tradição às novas batidas que traduzem a juventude. Encontrará a energia de Jaraguá renascendo em meio ao resgate cultural, as transformações que aproximam ou afastam o público das manifestações locais, a fé quase ritualística dos torcedores que se reúnem para viver o futebol como festa e pertencimento, e a presença marcante da gastronomia de rua que alimenta corpos e histórias até o amanhecer.

Esta obra também revela o outro lado da noite, aquele que muitas vezes passa despercebido aos olhos de quem apenas a consome como lazer. Os relatos de quem carrega uma dupla jornada, transitando entre ofícios diurnos e paixões noturnas, mostram como a noite pode ser espaço de realização, mas também de desgaste. As narrativas invisíveis dos profissionais que mantêm Maceió desperta – motoristas, trabalhadores da limpeza, seguranças, profissionais da saúde – expõem a base invisível que sustenta o brilho das luzes, lembrando que toda cidade desperta é feita, sobretudo, por gente.

Não se trata, portanto, de uma única noi-

te. Ao contrário: esta obra reúne múltiplos olhares, múltiplas experiências e múltiplos significados. A noite de Maceió pode ser palco de diversão, de encontros familiares, de resistência cultural, de sobrevivência ou de trabalho duro. É, ao mesmo tempo, eferescência e silêncio; festa e solidão; arte e economia.

O leitor, ao atravessar estas páginas, encontrará uma Maceió que se reinventa quando o Sol se põe; feita de memórias e de novas formas de viver a cidade. Encontrará histórias de quem promove a noite, de quem a frequenta e de quem a vive intensamente. Encontrará, sobretudo, a certeza de que a noite não é apenas uma pausa entre dias, mas parte essencial da identidade e da pulsação do Estado.

Que esta obra seja, portanto, um convite: um convite para observar mais de perto o que tantas vezes passa despercebido, para valorizar quem mantém a cidade viva em suas múltiplas formas e para compreender que a noite, em Maceió, não se limita às luzes que brilham na orla ou às festas que preenchem calendários. A noite é um mosaico de experiências humanas, e é justamente esse mosaico que o leitor tem em mãos.





# A NOITE E SEUS IMPACTOS ECONÔMICOS: COMO A VIDA NOTURNA MOVIMENTA CIDADES

*Eventos noturnos movimentam a economia alagoana*

Shayane Lourenço

**A** vida noturna movimentam a economia de uma cidade. O entretenimento noturno não apenas traz lazer, mas também impulsiona a gastronomia, o turismo e eventos culturais. Festivais, shows, espetáculos de dança e teatro, restaurantes, bares e hotéis, são importantes no alcance econômico.

Em Alagoas, há eventos muito aguardados pelo público, atraindo também turistas de outros estados e países, como o Festival de Música Popular Em Cantos de Alagoas, a Mostra Alagoana de Dança e a Bienal Internacional do Livro.

Eventos culturais são capazes de gerar um efeito indireto na economia local, por meio de uma rede de serviços. Para a secretária de Estado da Cultura e Economia Cria-

tiva, Mellina Freitas, "o impacto vai muito além da bilheteria".

“

**Um show, por exemplo, gera trabalho para técnicos de som, iluminação, segurança, produtores, artistas, além de fortalecer setores como turismo, alimentação e hospedagem.”**

- Millena Freitas

Existem desafios que podem impedir que as pessoas aproveitem a noite, como questões de segurança e infraestrutura, por exemplo. Além disso, há um trabalho permanente para a valorização do artista local.

**“Precisamos trabalhar constantemente para valorizar o artista local e dar condi-**



*Imagem da Secretária de Cultura e Economia Criativa de Alagoas [Arquivo pessoal de Mellina Freitas]*

ções de produção, porque sem eles a cena cultural não existe. Outro ponto é equilibrar tradição e inovação, fortalecendo festas históricas ao mesmo tempo em que abrimos espaço para novos formatos de ocupação cultural da cidade”, completa a secretária Mellina Freitas.

## **A noite como fonte de renda extra**

Após o pôr do sol, bares, shows, boates e restaurantes trazem um impacto para a economia de grandes cidades, gerando empregos e até mesmo uma renda extra, como é o

caso de Jonatha Lopes e de sua família. Há dois anos, Jonatha Lopes e sua família decidiram abrir um churrasquinho na Praça Tereza Rodrigues, uma das mais movimentadas da cidade de Rio Largo.

O Churrasquinho da Sil, que leva o nome de sua mãe, não é a principal renda da família. Segundo Jonatha, atualmente, todos os integrantes da família trabalham, a renda conquistada com o churrasquinho é um complemento para que eles consigam construir uma casa própria.

“Mesmo diante de toda a correria semanal, o churrasquinho sempre abre sexta-

feira e sábado. Toda a preparação começa na quarta-feira, quando o meu padraсто inicia a compra das bebidas. Na quinta-feira, minha mãe compra as carnes e complementos necessários, iniciando toda a preparação e organização”.

No cardápio, são oferecidos churrasquinhos de boi, frango, porco e linguiça. Já as bebidas são: água, refrigerante e diversas opções de cervejas. Os principais desafios destacados por ele são o cansaço e a segurança. Mesmo após toda a rotina exaustiva

de trabalho durante a semana, eles precisam ir à praça para garantir essa renda, que é muito importante para a realização do sonho de sua família. Sobre a segurança, Jonatha relata que mesmo com a presença da guarda municipal (que não fica a noite toda no local), eles arriscam suas vidas, ficando vulneráveis a assaltos, confusões e ao uso e venda de drogas.

## Impactos na Economia

Em Alagoas, o setor de lanchonetes, bares e restaurantes cresceu 60,81% durante os anos de 2020 a 2024, quando comparado aos anos de 2015 a 2019, segundo os dados da Junta Comercial de Alagoas (Juceal).

Na cidade de Maceió, a alta temporada costuma ser no verão (de dezembro até março), durante as férias escolares de julho, datas comemorativas e feriados prolongados, como é o exemplo do carnaval. Durante esse período, o estado de Alagoas costuma receber vários turistas de todo o Brasil.

O turismo traz impactos importantes para a economia do nosso estado. Além de turistas brasileiros, nosso estado também



Imagem do churrasquinho da Sil localizado na Praça Tereza Rodrigues [Foto: Jonatha Lopes]



recebe turistas internacionais. De acordo com os dados divulgados esse ano pelo Instituto Brasileiro de Turismo (Embratur), com análise da Secretaria de Estado de Turismo (Setur-AL), nos seis primeiros meses de 2025, Alagoas apresentou um crescimento de quase 70% nas chegadas internacionais.

Para Marcus Batalha, presidente da Associação Brasileira de Bares e Restaurantes de Alagoas (Abrasel-AL), são muitos os impactos que esses estabelecimentos trazem para a nossa economia, como por exemplo, vários deles precisam contratar mais pessoas para conseguir dar conta do movimento. “É necessária a contratação de garçons e de pessoas para a cozinha, de acordo com o

movimento que esses estabelecimentos trazem, assim movimentando a economia”, disse Marcus Batalha.

Maceió possui diversos bares e restaurantes para todos os gostos, sejam eles mais agitados, com música ao vivo e tradicionais. Para os amantes de cerveja, são variadas as opções de bares para visitar em Maceió, inclusive à beira-mar. Além do impacto econômico, Marcus destaca a segurança que esses estabelecimentos costumam trazer para um bairro: “a gente traz o conceito de cidades vivas, trazendo mais segurança para aquela comunidade e para aquele bairro, porque onde tem bar e restaurante, existem pessoas circulando”.

# COMO OS PRODUTORES INDEPENDENTES FAZEM A NOITE MACEIOENSE “BRILHAR”

*Um estudo das noites maceioenses pela ótica de produtores culturais e artistas da música*

Gabriel Ricardo



Dj Goodson é uma das principais atrações da Lanchonete Kero Mais.  
[Reprodução- Instagram]

**V**ocê já se perguntou quantas pessoas trabalha incansavelmente para que o mercado do entretenimento noturno em Maceió continue acontecendo? Talvez essa seja uma pergunta interessante a se fazer enquanto se planeja um “rolê” ou uma noite de diversão com os amigos. Fato é que muitas pessoas trabalham todo dia para as noites em Maceió serem atrativas àqueles que apreciam diversão ao final do dia. Uma perspectiva interessante para se analisar, por exemplo, é a dos produtores e artistas diretamente envolvidos na concepção das festas.

Com o intuito de elucidar o papel desses profissionais e as condições que pautam a continuidade da cena, foram realizadas algumas conversas com profissionais da discotecagem como os **DJs Luiz**, diretor da

**Febre Produções**, e **Goodson**, curador e artista atuante na popular lanchonete **Kero Mais**.

Os dois artistas possuem backgrounds que combinam o amor pela discotecagem com a resiliência e a busca por fomentar a cena da produção independente de eventos em Maceió. Luiz encontrou na Febre Produções a sua oportunidade de levar música e arte popular para a juventude alagoana, sempre aprendendo com os DJs da velha guarda de Maceió e buscando inovar a cena. Goodson, um jovem especialista em vinil, faz da lanchonete Kero Mais seu palco, buscando cada vez mais ampliar o nível de seus espetáculos, não só realizando eventos na lanchonete fundada por sua mãe, **Nadja Freires**, como em toda a cidade.

## Acessibilidade e Segurança

Algo que se tornou muito evidente na conversa com os artistas é o flagrante senso de abandono e desprestígio por parte da prefeitura de Maceió para com músicos, produtores, artesãos e trabalhadores locais da arte. Isso se traduz muitas vezes em problemas estruturais como uma logística de

transporte ineficaz, carência de acesso a espaços públicos, além da falta de segurança que afeta principalmente quem precisa se deslocar de bairros distantes da região onde a maior parte das atividades ocorrem - sobretudo na chamada parte baixa da cidade.

“Por muitas vezes, o pessoal sai da parte alta e dos interiores para consumir arte na parte baixa, as vezes eles precisam enfrentar problemas de segurança, problemas de transporte que por vezes acabam dificultando o acesso à cultura”, reflete DJ Luiz, ao se referir a questões que evidenciam o problema da centralização dos eventos na parte baixa de Maceió.

Mantendo o teor crítico à gestão da prefeitura em relação ao planejamento e investimento na cultura local, o DJ Goodson

realiza um comentário que reflete sobre a questão em evidência: “Penso que isso deve ser estruturado em uma política pública de longo prazo. Reformar e modernizar nossos aparelhos culturais existentes. Buscar um mapeamento dos locais privados que mantêm nossa cultura viva e dialogar para entender nossas maiores dificuldades. Hoje as gestões só pensam em eventos megalomaniacos que prestigiam artistas do sertanejo e invisibilizam os artistas da terra.”

## Quem faz o “corre” para a festa acontecer?

Notavelmente, a vida de um produtor cultural envolve uma miríade de intersecções, transições, obstáculos, dificuldades e uma necessidade ímpar de flexibilidade e adaptações para possibilitar a continuidade do projeto. É um fato que trabalhar com arte envolve uma série de dificuldades bem específicas além dos percalços já esperados para todos os outros tipos de ofício.

Em adição às dificuldades particulares de cada envolvido na produção, incluindo o equilíbrio entre a vida universitária, profissional, pessoal e artística, a organização fi-

nanceira e a falta de incentivo do Estado - especialmente no que diz respeito à garantia de acesso a espaços públicos - são alguns dos principais problemas que os produtores culturais encontram para tornar a arte mais democrática e acessível.

“Encontrar espaços para realização de eventos também não é nada fácil em Maceió. Ainda temos empresários muito fechados e que não pensam a cultura como instrumento poderoso ligado aos seus negócios. Montar estruturas de som estão cada vez mais caras no pós-pandemia.

**Material humano pago dignamente. Além de tudo isso, encontrar um valor justo a ser pago aos artistas que irão fazer o evento acontecer”, reflete Goodson a respeito das questões financeiras, materiais e humanas que pesam na hora de fazer um evento acontecer.**

Ademais das dificuldades impostas no âmbito privado, os artistas acabam deparando-se também com mais portas fechadas e dificuldades de acesso no âmbito

público, algo que gera uma insegurança generalizada dentro da produção cultural:

**“Como a gente trabalha de forma independente, a gente não teve até o momento apoio de universidades e espaços públicos. A gente até já buscou bastante e seguimos tentando, mas até o momento não tivemos nenhum apoio do tipo. Desistir não é uma opção”, ressalta o DJ Luiz sobre as dificuldades, finalizando sua colocação com uma nota de resiliência face às dificuldades impostas.**

## **A cena da produção independente segue respirando**

Apesar das dificuldades evidenciadas, um fato consensual e positivo é que a cena aparentemente vem crescendo, seja em termos de procura, infraestrutura ou qualidade. Algo que parece sugerir uma tendência que deve manter-se.

**“Hoje, felizmente, as portas começam a se abrir um pouco mais. Você consegue perceber novos rostos, novos nomes aparecendo, alguns com uma frequência maior, outros menos, mas sempre trazendo um fôlego para a arte”, comenta o DJ Luiz sobre a evolução e a abertura de oportunidades na cena para novos artistas.**

Essa observação foi feita também num contexto de reflexão sobre o interesse do povo maceioense em eventos culturais, algo que parece vir numa crescente de acordo com constatações feitas pelo DJ Luiz. Embora não haja um dado específico que possa sugerir isso, o crescimento da cena em termos de incentivo (apesar de não ser o bastante), qualidade e estrutura parece fornecer substrato material para endossar essa tese.

**“Existe um interesse, principalmente com as leis de incentivo à cultura. Essa grana, por meio de editais, permite que muitos produtores tenham recursos para retirar**



Dj Luiz animando mais uma noite.  
[Crédito: Reprodução, Instagram]

suas ideias e apresentá-las ao mundo. A cultura brasileira também está em evidência no mundo todo, seja na música ou cinema, por exemplo. Então sim, existe um interesse crescente”, constata Goodson em comentário que reforça o que foi proposto anteriormente sobre uma retomada de interesse do povo sobre sua cultura popular.

Falando de arte popular, soa quase como uma contradição que a arte e a música

negra sejam tão difíceis de acessar devido a barreiras de custo para o próprio povo negro e periférico. Nesse ponto, um comentário feito por Luiz merece um holofote aqui:

**“O nosso propósito é devolver a arte e as oportunidades para os mesmos territórios de onde a gente veio.”**

- DJ Luiz

## O Show deve continuar

Apesar de este texto ter tido bastante enfoque nas dificuldades e problemas para que a diversão noturna em Maceió aconteça, uma impressão deixada pelos entrevistados é quase incontestável: a arte é persistente e resiste em meio aos obstáculos assim como as folhas que crescem entre as pedras.

“Enxergo a cena independente de Maceió bastante resistente. Apesar dos pesares, muitos artistas, produtores e entusiastas do universo da arte continuam tentando realizar seus projetos. Geralmente formados por gente

que ama cultura e enxerga potencial na capacidade artística dessa terra”, declara Goodson em tom de otimismo e fé sobre a capacidade da arte de persistir em Maceió.

Entender que existir como artista em Maceió é sinônimo de resistir faz com que as dificuldades que existem nesta terra também sejam compreendidas como as maiores fomentadoras de uma persistência ímpar que só pode ser entendida e exercida por aqueles que cultivam um desejo incólume de fazer sua luta por sobrevivência ser muito mais do que existir na terra.

# DA ASCENSÃO COMERCIAL AO RESGATE CULTURAL: O RENASCIMENTO DO JARAGUÁ

*Local icônico de Maceió, o bairro ressurge como epicentro da vida noturna e artística da cidade*

Artur Henrique



*Ponte de Embarque no Jaraguá (Reprodução / Site: História de Alagoas)*



*Rua Sá e Albuquerque na década de 1920 (Reprodução / Site: História de Alagoas)*

**A** capital alagoana, Maceió, se destaca por sua forte relação com o comércio, o turismo e uma rica herança cultural. Poucos lugares personificam essa mistura tão bem quanto o Jaraguá - um bairro vivo na memória coletiva da cidade, cujo nome de origem indígena remete a “Enseada das Canoas”.

Localizado no centro histórico da cidade, o Jaraguá é visto como um lugar de resistência, onde a cultura pulsa em celebrações e festas que atraem multidões. Essa efervescência não é de hoje. A história do bairro é antiga: basta observar suas edificações históricas ou conversar com os moradores mais antigos.

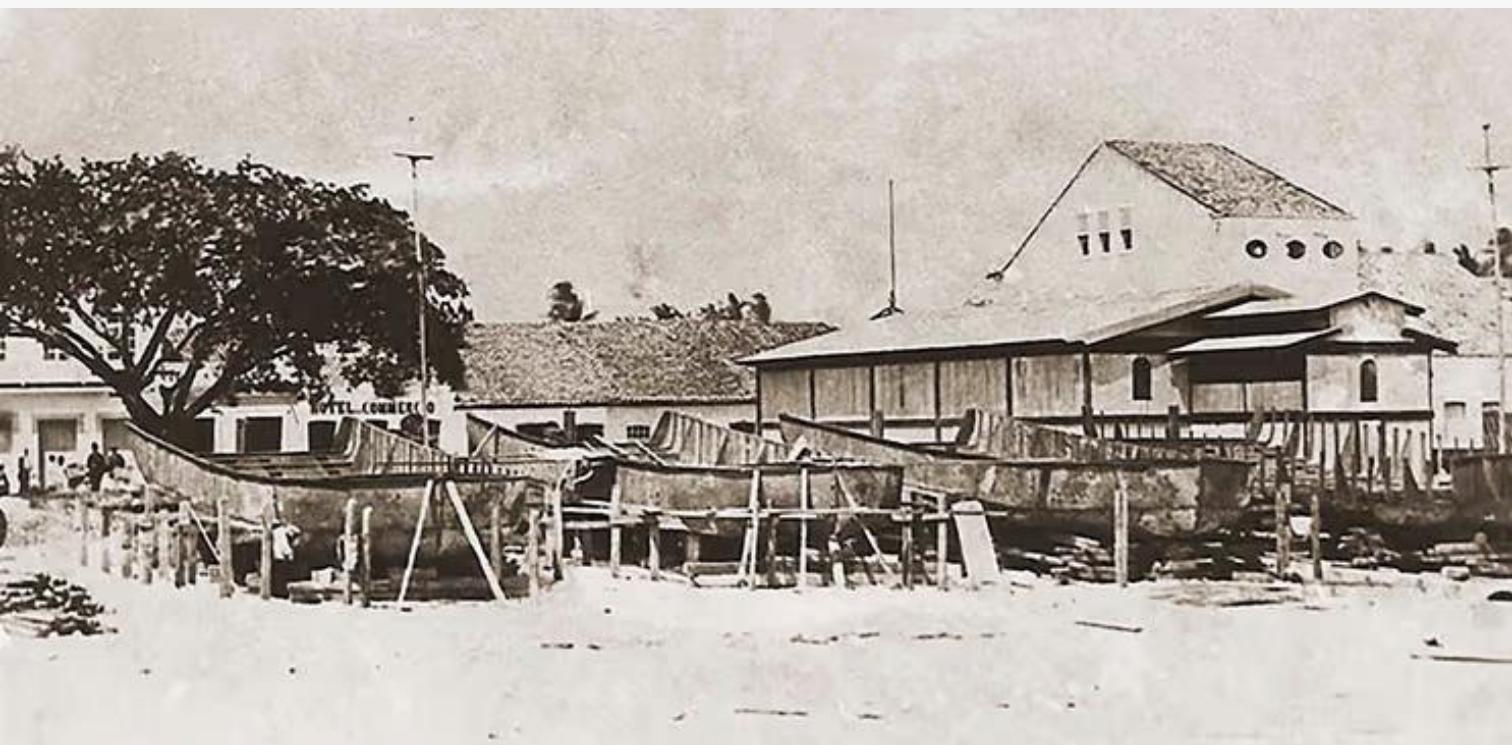
## Raízes históricas

O Jaraguá antecede a própria fundação de Maceió. De acordo com o historiador Oseas Batista, bacharel e mestre pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal), o bairro surgiu no século XVI como uma pequena vila de pescadores, estrategicamente posicionada para coibir o contrabando de pau-brasil e outros produtos.

A região prosperou rapidamente. O ancoradouro exportava produtos como açúcar, algodão e fumo, impulsionando a economia do

povoado que se tornaria Maceió. A importância do bairro era tanta que, em 1820, a presença do governador Francisco de Melo e Póvoas levou à criação de um plano de urbanização para garantir o crescimento ordenado do entorno.

Casas comerciais e trapiches impulsionaram o desenvolvimento, e o Jaraguá se tornou um empório comercial ativo. Suntuosos sobrados abrigavam companhias de navegação, bancos e cabarés, criando uma atmosfera de dinamismo e prosperidade.



*Ponte de Embarque no Jaraguá - Reprodução / Site: História de Alagoas*

## Declínio e abandono

A perda de cultura no Jaraguá decorreu de uma série de fatores interligados ao longo do século XX. Inicialmente, a mudança da função portuária contribuiu significativamente para o esvaziamento econômico e populacional do bairro. As atividades portuárias migraram para outras áreas, e o Jaraguá perdeu seu papel econômico central. Paralelamente, a especulação imobiliária e a modernização urbana resultaram na demolição de construções históricas e na descaracterização de boa parte do bairro, levando à perda de referências arquitetônicas e simbólicas.

As práticas culturais também foram impactadas: festas populares e manifestações religiosas foram marginalizadas ou deslocadas para outros locais, e o bairro passou por um período de abandono e estigmatização, no século passado.

## Revitalização e resistência cultural

No final dos anos 1980, a esperança ressurgiu com iniciativas de preservação do patrimônio histórico, envolvendo universidades e órgãos públicos como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). O objetivo era valori-

zar os edifícios e sobrados do bairro, reconhecendo sua história. Projetos para fortalecer a cultura popular, com festas tradicionais e atividades artísticas, foram desenvolvidos para reconectar os moradores com a identidade da região.

Entre 1990 e 2000, o bairro passou por uma grande revitalização por meio do Programa de Ação para o Desenvolvimento do Turismo do Nordeste, com a reforma de fachadas, construção de calçadas e criação do Centro Cultural e de Exposições Ruth Cardoso. Infelizmente, a vila de pescadores do bairro foi negligenciada, e o Jaraguá, embora bonito, não era muito frequentado pelos moradores.

## Jaraguá hoje

Nos últimos cinco anos, com a abertura de bares e restaurantes na Rua Sá e Albuquerque, o Jaraguá se tornou um dos principais pontos de encontro para quem busca diversão e cultura. Entre seus frequentadores está Matheus Nascimento, fotógrafo de 32 anos. "O único diferencial que vejo é a arquitetura histórica e a resistência de alguns movimentos culturais que ainda estão por ali, como o Afrocaeté, Rex Bar e o Som do Beco", comenta Matheus.

Apesar de reconhecer o potencial do bairro,



Noite movimentada no bar Gira Mundo, no Jaraguá (Reprodução / @giramundocitybar)



ele ainda lamenta a falta de estrutura: “A noite no Jaraguá não tem opções diversificadas ou estrutura para moradores e turistas. O Jaraguá está morrendo aos poucos.”

Matheus é fã de bares e restaurantes locais, como o Gira Mundo, administrado por Luciana Salles desde de 2022. A escolha do local foi estratégica: “Começamos no Jaraguá por ser um bairro histórico e pela vontade de resgatá-lo”, conta Luciana.

Ela vê as festas como alegres e prazerosas, mas ressalta a necessidade de mais segurança: “Principalmente no momento em que os bares fecham, porque há assaltos no local”. Luciana também pede por mais iluminação, limpeza, segurança e apoio aos empreendedores.

Para o historiador Oseas Batista, o valor do Jaraguá é inegável. O bairro “não apenas preserva a história de Maceió, mas também representa um patrimônio vivo, articulando passado e presente, e reafirmando seu valor como espaço central para a cultura, identidade e memória urbana da cidade”. O Jaraguá prova, assim, que o resgate cultural é um processo contínuo e que a história, quando valorizada, pode tornar-se o motor de um novo futuro.

# A ECONOMIA NOTURNA EM MACEIÓ: SUSTENTO, CRIATIVIDADE E RESISTÊNCIA

“Entre tapiocas, espetinhos e sanduíches, as histórias entre os empreendedores da comida de rua pela cidade”

Matheus Florêncio de Oliveira

**E**m Maceió, quando o sol se põe, muitos associam a noite ao lazer, descanso e momentos com amigos. Porém, para alguns, o cair da noite representa trabalho, oportunidade e sustento. Na capital de Alagoas, os trailers e locais de comida distribuídos pela parte alta da cidade contam histórias de batalha, perseverança e também de inventividade, diante dos desafios. Empreendedores noturnos como Creuza e Lucas, e ambulantes como Tales, compartilham suas histórias em busca de espaço, renda e reconhecimento.

A economia noturna é um setor que vem ganhando destaque nas discussões no Brasil, principalmente por englobar atividades

relacionadas ao lazer, mas também por ser responsável pelo sustento de milhares de famílias. De acordo com um estudo da Associação Brasileira de Bares e Restaurantes (Abrasel), o setor movimentou R\$416 bilhões em 2023, o equivalente a 3,6% do PIB nacional. Além disso, o levantamento mostra o efeito multiplicador do segmento: para cada R\$1.000 gastos em bares e restaurantes, outros R\$3.650 são injetados na economia, considerando efeitos diretos, indiretos e induzidos. O setor emprega diretamente 4,94 milhões de pessoas, o que corresponde a 7,9% do total de empregos formais do Brasil, com uma massa salarial de R\$107 bilhões.

Com base nos dados da Junta Comercial do Estado de Alagoas (Juceal), o setor de alimentação fora do lar registrou um salto expressivo nos últimos anos. Entre 2020 e 2024, foram abertas 11.905 empresas no ramo de restaurantes, lanchonetes e bares, o que representa um crescimento de 60,81% em relação ao período de 2015 a 2019, quando 7.403 negócios foram constituídos. Somente nos últimos cinco anos, surgiram 5.331 restaurantes, 5.489 lanchonetes e 1.085 bares, refletindo a força do segmento na economia alagoana e sua capacidade de geração de emprego e renda.

Os trailers, barracas e pontos fixos transformam-se em opções mais acessíveis para os consumidores e em oportunidades de negócio para os empreendedores, que frequentemente veem na informalidade a única possibilidade de assegurar uma renda.

### La casa da tapioca

Na parte alta da cidade, no bairro do Osman Loureiro, em frente a praça, o aroma de tapioca e comida regional combinam com o objetivo de trazer conforto e uma experiência boa para o público. É nesse local



Fachada do estabelecimento LA CASA DA TAPIOCA (Foto: Matheus Florêncio)

que Creuza, com o apoio da família, administra a La Casa da Tapioca, um estabelecimento já considerado como ponto de referência na área.

A trajetória do negócio começou de maneira surpreendente, porém firmou-se como meio de sustento. “Começou com a minha filha. Minha filha abriu um trailer na praça de tapioca e depois alugou um pontinho ali na frente. Ela era casada, não deu certo. O sogro dela investiu, mas não deu certo também. Aí o sogro dela falou com meu esposo para trocar alguma coisa que a gente tinha, a gente trocou, e até hoje estamos aqui. Mas a ideia foi da minha filha”, conta.

Apesar da tradição conquistada, Creuza admite que os desafios são constantes. A clientela varia conforme as condições do clima e financeiras. “O movimento caiu bastante de junho para cá. Acho que é porque nem todo mundo tem dinheiro sempre, e também por conta do inverno e da chuva. O pessoal fica em casa, não sai, nem pede delivery.”

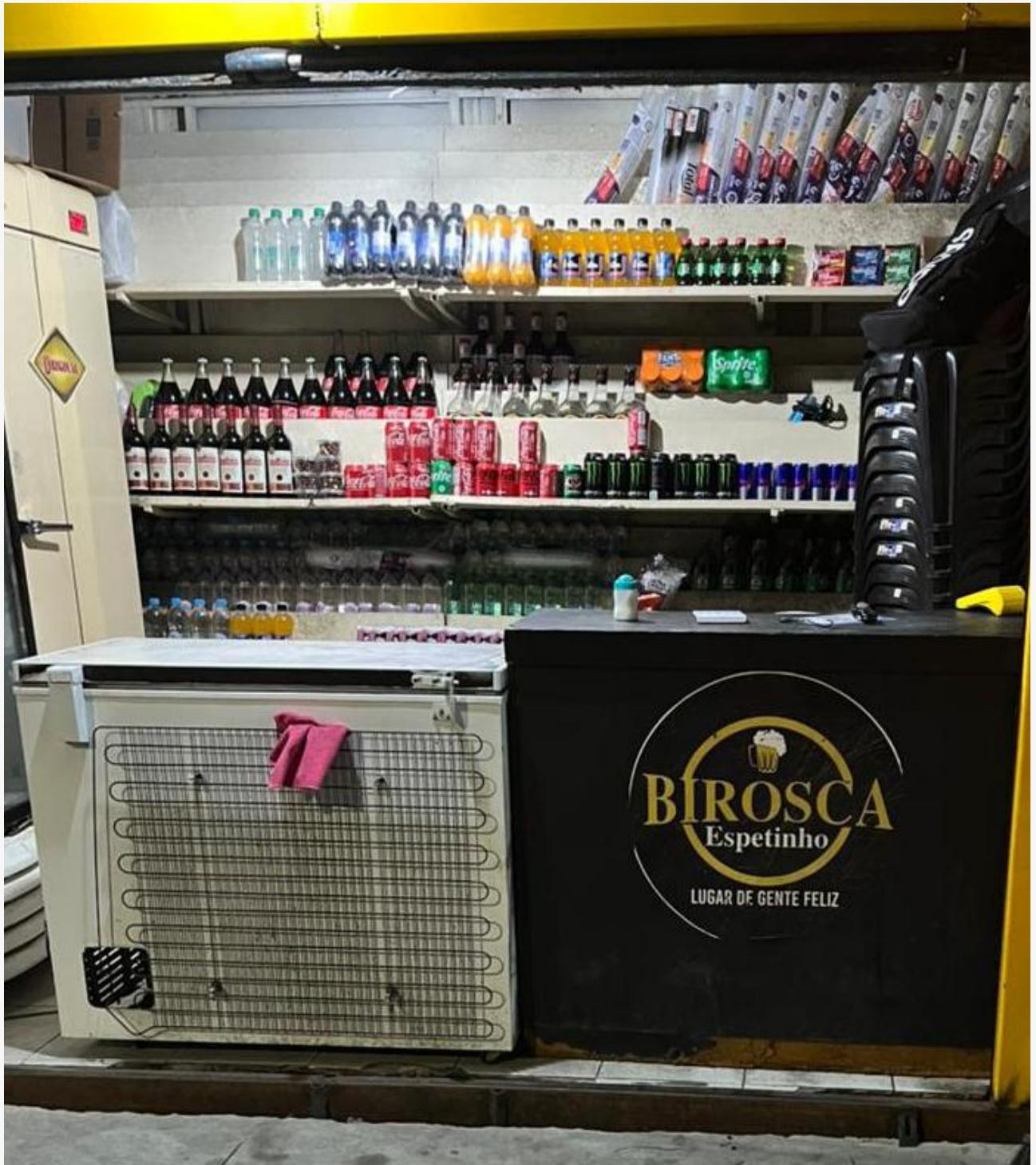
O diferencial do negócio está no tamanho e no preço das tapiocas: “Minha tapioca tem um padrão que todo mundo já sabe: ela

serve duas pessoas, mesmo sendo individual. Então o preço é bom, porque dá para duas pessoas comerem e ainda fica em conta.”

Esse cuidado de sempre se importar com o público, seja no preço e também no apetite, revela uma característica importante do empreendedor de rua: a capacidade de ouvir o cliente e adaptar-se. “Já tirei algumas tapiocas, mas o pessoal pediu de volta. No final do ano vou mexer no cardápio e trazer de volta a de Nutella, que eu tinha tirado porque é cara, além de outras melhorias.”

Com ares de casa de família, o espaço atrai um público específico. “Eu costumo falar que é uma casa de crente”, brinca. “Vem muita família, muita gente depois da igreja. Mas também aparece de tudo. Graças a Deus, eu gosto muito desse público.” A segurança, segundo ela, não é motivo de preocupação: “Aqui, nessa parte, não acho perigoso, nunca aconteceu nada, graças a Deus.”

O local, iluminado por luzes simples e preenchido pelo aroma da chapa quente, transforma-se em um ponto de encontro para aqueles que desejam não só se



Balcão de bebidas do espetinho do birosca (Foto:Matheus Florêncio)

alimentar, mas também compartilhar momentos. É nesse aspecto que o negócio de Creuza se apoia: na conexão emocional estabelecida com os clientes.

## Espetinho do biroasca

A poucos metros, e do lado do terminal de ônibus do Osman, o cheiro de churrasco sinaliza a chegada do Espetinho do Biroasca. Tales comanda o ponto, seguindo a tradição do padrinho e convertendo o local em uma fonte de renda para sustentar sua família. “É só por sustento mesmo”, resume Tales, sem rodeios.

O público que frequenta o espaço é variado, mas a rotina revela um padrão: famílias e grupos que aproveitam a noite para assistir a jogos ou confraternizar. “Mais família. Pessoas que saem de festa, mas principalmente famílias que vêm assistir jogo.”

A frequência da sua clientela segue um padrão: “O maior movimento é no final de semana. Sexta-feira é o melhor dia da semana para a gente.” Quando chove, no entanto, a escolha muda: “Quando chove, o pessoal prefere levar para viagem.”

O cardápio tem o seu destaque o

medalhão como carro-chefe: “Agora é R\$9, antes era R\$8.” A simplicidade e a constância mantêm o público fiel.

Assim como Creuza, Tales afirma não enfrentar problemas graves de segurança: “Até hoje não, é tranquilo.” O fato de estar perto de uma delegacia no Osman Loureiro também traz sensação de proteção.

Com a chegada da noite, o ambiente se enche de sons típicos: a carne na brasa, as conversas animadas e o ruído da televisão transmitindo o futebol. É uma representação precisa de como a comida de rua se integra à cultura popular, atuando não só como um comércio, mas também como um local de socialização.

## Xurraspão

No Benedito Bentes, sentido UPA e em frente ao condomínio Village das Artes, um trailer situado em um dos bairros mais populosos de Maceió, chama a atenção pela proposta: o Xurraspão. Lucas, o dono, decidiu investir no negócio depois de experiências frustradas, mas também de aprendizados.

“No começo não tínhamos experiência, fechamos após uns 7 meses”, relembra.



Clientes em frente ao trailer Xurraspão (Foto:Matheus Florêncio)

“Depois de uns 7 a 8 anos voltamos e montamos um trailer. Ficamos 1 ano em um, depois passamos para outro, e hoje temos nosso próprio trailer. Foi um projeto pensado, não por acaso. Minha mãe hoje ajuda na produção, e eu toco o negócio com minha esposa.”

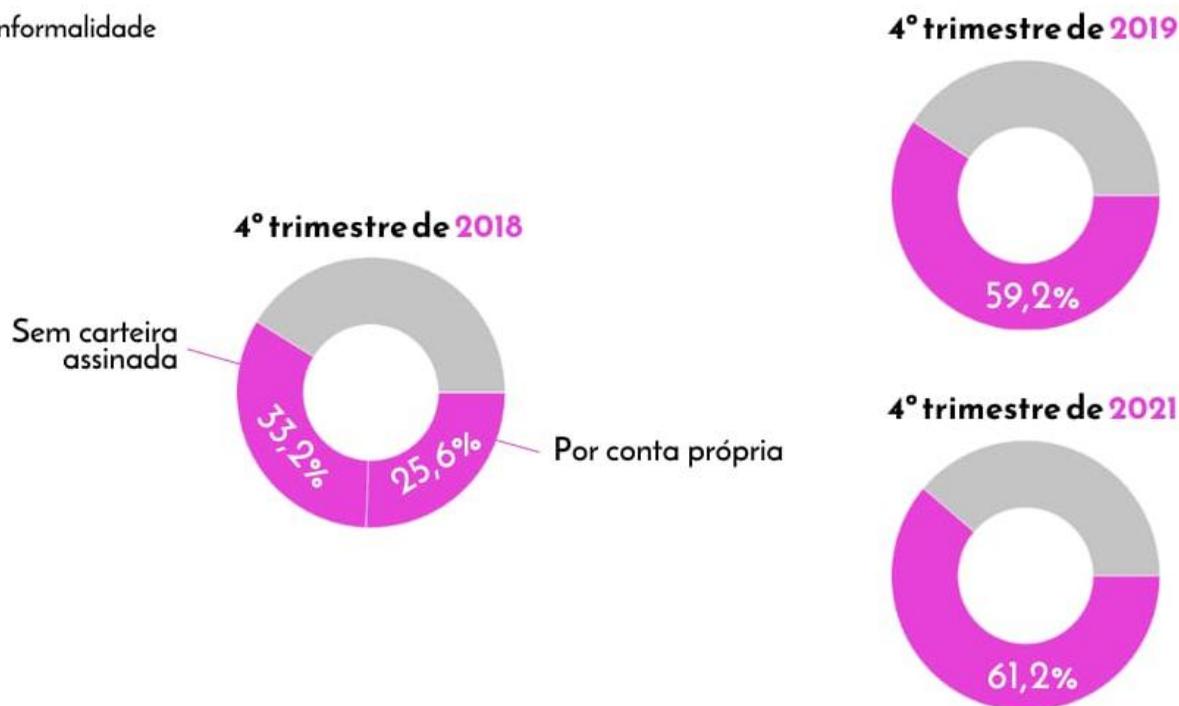
Lucas destaca a autonomia e liberdade que conquistou com o trabalho: “Trabalho é

trabalho. É um preço que a gente paga. Mas hoje tenho autonomia de trabalhar para mim mesmo, depois de 10 anos trabalhando para outros.” Ele também reconhece os riscos da informalidade: “Como autônomo não tem tanta segurança como CLT, mas tem liberdade, e não me arrependo.”

O início do negócio também contou com um evento de sorte e iniciativa: “Um dia, passando,

## TAXA DE INFORMALIDADE EM MACEIÓ

■ Informalidade



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Trimestral (PNADC-T) - IBGE, 2022

vi o local e tive vontade. Liguei para o dono, mas ele já tinha alugado. Dias depois, ele me ligou oferecendo a proposta e aluguei.”

O diferencial está no preparo e na identidade do produto: “Usamos chapa e forno normal. As carnes são pré-aquecidas, mas terminamos na chapa. Todos os nossos processos seguem o modelo de churrasco.”

Até o nome virou marca: “O nome XURRASPÃO pegou tanto que muita gente só conhece a gente assim.”

Pensando no público, o cardápio ganhou uma versão infantil: “Vem muita criança e família. A gente até montou uma proposta de kit infantil, com batata frita, ovo assado, rúcula e lanche adaptado.”

Ao comparar regiões, Lucas destaca as diferenças de consumo: “Na parte baixa tem muito mais diversidade e movimento. Mas eu sempre digo que trabalho prezando qualidade, não só preço. Quem vem pela qualidade valoriza o produto, e não apenas o valor financeiro.”

As histórias de Creuza, Tales e Lucas mostram que a economia noturna de Maceió também engloba fatores como empreendedorismo, criatividade e resistência diante das dificuldades econômicas. As histórias mostram um contexto de batalha constante, no qual as famílias recorrem à comida de rua para assegurar sustento e dignidade. Apesar dos obstáculos como chuva, instabilidade econômica e falta de garantias trabalhistas, esses empreendedores continuam resistindo com criatividade, sabor e determinação. Cada noite em que abrem as portas de seus trailers e pontos comerciais, confirmam que a rua é um lugar de trabalho, sonho e construção de futuro.

Segundo o IBGE, no quarto trimestre de 2018, Alagoas registrou 1 milhão de trabalhadores ocupados, desses, 25,5% trabalhavam por conta própria e 33,2% atuavam sem carteira assinada. No 4º trimestre 2019, o Estado registrou a maior

taxa de informalidade do período analisado, 59,2%, ficando atrás somente do ano de 2021 que registrou no 4º trimestre taxa média de 61,2% graças à pandemia Covid-19 que paralisou grande parte das atividades produtivas do país.

Em março de 2020, com o início da pandemia, o setor de trabalho formal foi visivelmente afetado no Brasil, muitos trabalhadores foram dispensados dos seus postos de trabalho e com isso a população buscou garantir sua renda atuando na informalidade. Além disso, a pandemia do novo Coronavírus trouxe mudanças significativas no mundo do trabalho, além da ameaça à saúde pública, a pandemia acarreta impactos econômicos e sociais que afetam os meios de subsistência e o bem-estar de milhões de pessoas no longo prazo.

Esses relatos mostram que o trabalho informal está interligado à vida urbana. Sem assistência direta do governo, esses profissionais criam suas próprias soluções, seja inovando no menu, conquistando a fidelidade dos clientes ou ajustando horários e métodos de atendimento. Nesse cenário, a noite não é apenas um período de descanso, mas um espaço de resiliência e esperança.





**QUEM VIVE**

# QUEM TEM MEDO DA PARTE ALTA?

*Apesar de concentrar quase metade da população de Maceió, a região ainda sofre com a falta de opções de lazer e entretenimento noturno.*

**Klebson Ferro**

**E**nquanto a orla de Maceió se ilumina com festas, bares e shows, bairros como Benedito Bentes, Jacintinho e Cidade Universitária permanecem silenciosos aos finais de semana. A cena evidencia uma desigualdade cultural que vai além da música e da diversão, revela um desequilíbrio urbano histórico entre as regiões da cidade: a parte baixa, onde se concentram as atrações, e a parte alta, onde vive quase metade da população da capital.

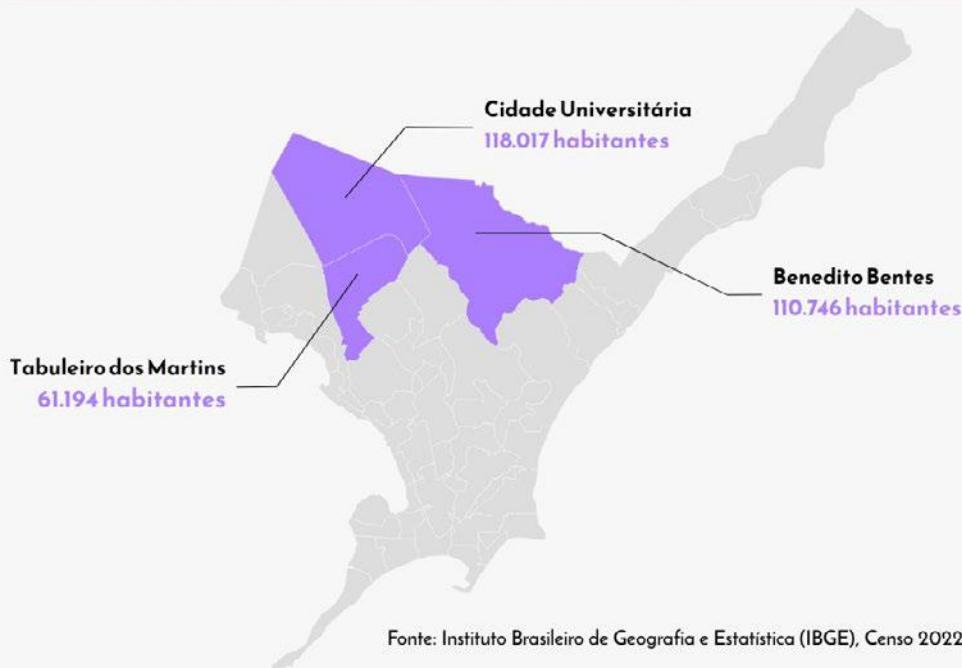
Em 2022, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou o Censo estratificado por bairro em Maceió, destacando Cidade Universitária, com 118.017 moradores, Benedito Bentes (110.746) e Tabuleiro do Martins (61.194) como os bairros mais populosos da capital alagoana - todos na parte alta. Apesar disso, convivem com uma rotina marcada pela

escassez de opções de lazer noturno, o que obriga muitos deles a se deslocarem até a parte baixa para se divertir.

Esse sentimento não aparece apenas nos números, mas também na fala de quem vive a cidade no dia a dia. Para muitos moradores e visitantes, a orla concentra o que há de mais atrativo na cidade. Moradores relatam a ausência de opções culturais e de lazer na parte alta, embora seja uma região bastante populosa, ainda carece de oferta regular de lazer noturno.

Para Lucas Farias, atendente de telemarketing de uma empresa da parte alta de Maceió, a diferença entre as regiões é clara. Ele aponta que, apesar de morar na parte alta, acaba frequentando mais a parte baixa por causa da maior variedade de opções de lazer. Segundo ele, o que mais o atrai são o preço e a comida, embora reconheça que a

## BAIRROS MAIS POPULOSOS DE MACEIÓ



infraestrutura e a proximidade da praia também pesam na escolha dos frequentadores, reforçando a associação da vida noturna à orla e aos pontos turísticos da região.

**“**  
**. Hoje, costumo ir mais para a parte baixa, porque é onde há mais opções de lazer. Na minha visão, existem lugares bons de conhecer, mas imperdível mesmo, para mim, são apenas as praias de Maceió.’**

-Lucas Farias

Para muitos moradores e visitantes, a orla concentra o que há de mais atrativo na cidade. Essa percepção escancara uma desigualdade histórica: a parte alta, embora mais populosa e marcada por forte produção cultural, ainda carece de espaços e investimentos que garantam oportunidades semelhantes de lazer e socialização.

Segundo Ayò Ribeiro, agente territorial de cultura, a diferença se revela principalmente na desigualdade de acesso: enquanto a parte baixa concentra equipamentos culturais e espaços de lazer, a parte alta en-

frenta a ausência de iniciativas públicas voltadas para a cultura, restando à população a mobilização independente de artistas e coletivos locais.

**“Como agente territorial de cultura, percebo uma grande disparidade na oferta de cultura e lazer promovida pelo poder público. Na parte alta não existem equipamentos culturais criados pela Prefeitura de Maceió ou pelo Governo do Estado. O que temos é uma forte mobilização de artistas e coletivos – majoritariamente negros, periféricos e trans – que, mesmo com poucos recursos, vêm realizando trabalhos potentes e mostrando as potencialidades da arte como instrumento de transformação social”, afirma.**

## Desigualdade

A preferência pelo lazer concentrado na parte baixa evidencia uma desigualdade estrutural no acesso à vida noturna. Essa concentração restringe não apenas a possibilidade de diversão, mas também oportunidades econômicas para empreendedores locais e para os próprios artistas. Garantir espaços de lazer e cultura em regiões menos

atendidas é uma questão de direito à cidade, inclusão social e valorização da diversidade cultural existente em toda a cidade.

Uma das formas de tentar reduzir a desigualdade de acesso à cultura e ao lazer é por meio de políticas públicas. A Lei Aldir Blanc de Fomento à Cultura, instituída pela Lei nº 14.399, de 8 de julho de 2022, por exemplo, surgiu como um recurso emergencial durante a pandemia, mas prevê mecanismos para que a verba chegue a diferentes regiões e fomenta a atividade cultural local.

Segundo a Coordenadora Substituta do Escritório Estadual do Ministério de Cultura (Minc) em Alagoas, Anna Rodrigues, a aplicação dessa lei depende da articulação entre governo federal, estadual e municipal: **“A Lei Aldir Blanc prevê que os poderes constituídos traduzam a verba para o atendimento de toda a cidade. A visão do governo federal, através do Ministério da Cultura, é a de distribuição das ações e da verba com estado e município. É no município que a cultura acontece. Essa pactuação com os entes federados é essencial para que a verba chegue ao fazedor de cultura da ponta da cadeia.”**

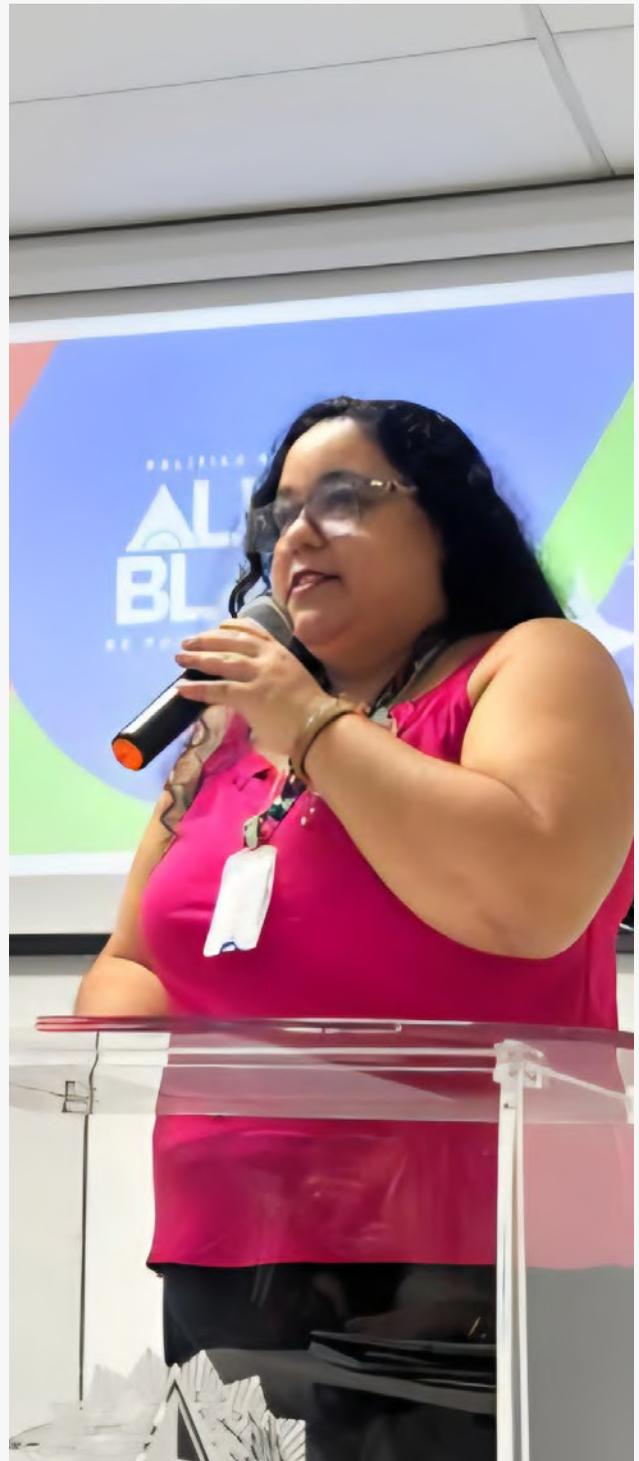
Para **Anna Rodrigues**, garantir a acessibilidade vai além de simplesmente chegar ao local: é preciso que haja opções reais de atividades. Bares, casas de shows e espaços culturais só cumprem seu papel quando contam com programação constante, que movimentam a comunidade e incentivam a organização dos produtores locais. Sem isso, mesmo com espaços físicos disponíveis, eles podem permanecer vazios, perpetuando a desigualdade na vida noturna e limitando o direito dos moradores da parte alta de Macaíó de aproveitarem a cidade plenamente.

**“É essencial no momento atual a acessibilidade e a difusão da arte e espaços da cidade. Isso é uma conquista do mundo atual, mas não adianta ter acesso e não ter atividades”**

-Ana Rodrigues

### Capacitação

Quando falamos de espaços de lazer, é preciso oferecer um diferencial que faça as pessoas escolherem ir ao seu espaço e não a outro: a melhor música, a melhor comida, a melhor ambientação, a melhor programa-



Coordenadora MINC Anna Rodrigues - (Arquivo pessoal)

ção, a melhor acessibilidade. Não significa que os estabelecimentos da parte alta não possuam esses recursos ou qualidade, mas que a própria infraestrutura natural da parte baixa já torna os espaços mais atrativos por si só.

Por isso, investir em capacitação, inovação e profissionalização dos empreendedores é uma forma de colocar os empreendedores locais nos holofotes e garantir que sua oferta de lazer se torne referência e dê espaço para a descentralização.

Em 2024, um estudo realizado pela Associação Brasileira de Bares e Restaurantes (Abrasel), apontou que 11,1% dos estabelecimentos mantêm cardápios fixos, sem alterações, independentemente da demanda dos clientes, da época do ano ou da variação nos preços dos ingredientes. Essa rigidez evidencia falta de adaptação, um fator que pode comprometer o sucesso do negócio.

É fundamental que os empreendedores adotem estratégias bem definidas para se destacarem no mercado e manterem sua competitividade. Seguindo a ideia de que estratégias bem definidas são essenciais

para se destacar, a visão de quem atua diretamente na cultura também reforça essa questão. **Anna Rodrigues**, além de secretária de Cultura do Minc, acumula 21 anos de experiência como produtora cultural e acredita que a profissionalização é a chave: **“Como servidora do MinC, indico que se organize em fóruns, participe da vida política cultural de seu bairro e de sua cidade. Como produtora cultural, se profissionalize. Organização e profissionalização são armas para a produção cultural estar em todos os cantos da cidade”**

Esse equilíbrio entre participação política e gestão qualificada aparece como um dos caminhos para descentralizar a vida noturna de Maceió. Já para **Ayó Ribeiro**, a descentralização da cultura depende principalmente do poder público:

**“Fazedores de cultura não faltam – temos artistas, produtores e coletivos desenvolvendo trabalhos potentes e significativos, sobretudo quando pensamos nas especificidades da população majoritariamente preta, indígena e periférica. O que falta é o comprometimento do Estado e do Município em garantir o direito constitucional à cultura. É neces-**



*Ayò Rodrigues - Agente Territorial de cultura (Crédito: Arquivo pessoal)*

sário que o poder público crie espaços culturais e de lazer que vão além da revitalização de praças. Precisamos de equipamentos que contemplem de fato as populações marginalizadas e historicamente esquecidas pelas políticas públicas de cultura.”

A partir do contraste entre a parte alta e a parte baixa de Maceió, fica evidente que o desafio não é a falta de interesse ou de moradores, mas a ausência de infraestrutura e políticas públicas de lazer

e cultura. Como apontam Ayò Ribeiro e Anna Rodrigues, a solução passa pela combinação de acesso a espaços, organização comunitária, capacitação dos produtores locais, participação política e gestão qualificada. Só assim os bairros da parte alta poderão oferecer alternativas de lazer consistentes, reduzir a desigualdade entre as regiões e garantir que todos os maceioenses tenham direito a aproveitar plenamente a cidade, sem precisar se deslocar para a orla.

# NEM SÓ DE APLAUSOS VIVE O ARTISTA

*Apesar do glamour, artistas de teatro buscam se profissionalizar para sobreviver na noite de Maceió, o que pode se tornar uma Odisseia cheia de percalços digna de Homero*

**Jobson Viana**

**E**m Maceió, capital nordestina conhecida mundialmente por suas belezas naturais, a cena teatral sofre uma efervescência nos últimos tempos com a retomada dos cursos formativos presenciais no pós-pandemia; surgiram leis de incentivo como a Aldir Blanc e Paulo Gustavo e até mesmo a abertura de novos espaços cênicos.

É notória a desvalorização do trabalho artístico-teatral; cachês com valor abaixo do mercado, atrasos no pagamento, escassez de lugares apropriados para ensaios e apresentações, obviamente, a escassez de incentivos privados, governamentais e falta de um sindicato atuante no estado.

Diante desse cenário contraditório, atores, diretores e coletivos de artistas buscam a profissio-

nalização para se estabelecer em um mercado competitivo, em que números e aclamação crítica tendem a ser inversamente proporcionais.

Para Saulo Porfírio, ator, produtor, professor de artes em uma escola pública de Maceió e fundador da Companhia Os Vers'Artes, a precarização é um dos maiores empecilhos para o desenvolvimento de uma indústria teatral forte na cidade: "Como não há incentivo do governo estadual, nem municipal, com exceção de um projeto em curso, que está em fase de 'experimento' (Programa Mais Cultura Alagoas - Secult), sentimos uma precarização em todas as instâncias. Enquanto os poderes não valorizarem, de fato, os artistas locais, estaremos em precarização".



Cartão de Apresentação Saulo Porfírio (Acervo Pessoal)

Ainda segundo Saulo, a cidade de Maceió, mesmo turística, e com um retorno agitado da arte e cultura por conta de investimentos federais, ainda precisa melhorar nos quesitos transporte e segurança. Numa capital onde os eventos e programações culturais são predominantemente localizados na chamada parte baixa e seus bairros nobres como Ponta Verde, Pajuçara e Jaraguá, a acessibilidade e a segurança continuam sendo um ponto crucial para a manutenção da carreira dos artistas.

"Todos os instrumentos culturais ficam em locais de difícil acesso e com segurança zero, fora a questão de transporte urbano que não é de qualidade, nem com quantidade para atender a demanda da cidade, nem com horário estendido."

Além disso, Saulo enfatiza que a relação com os espaços de apresentação da cidade é cheia de particularidades, atualizando a máxima de Sartre de que o inferno são os outros: "O espaço cultural que mais tenho acesso é o Teatro de Arena Sérgio Cardoso e o Teatro Jofre Soares, que são espaços que sempre estão acessíveis e disponíveis.

Já o Teatro Deodoro tem-se uma "demanda" excepcional, demanda com aspas mesmo, pois muitas vezes há reserva do espaço por terceiros, que são amigos de fulano e sicrano, mas que

não seguiram os trâmites legais para a solicitação de pauta, deixando muitas vezes de usar a pauta e não a libera para os colegas artistas usarem. Hoje vejo que há um uso constante do Theatro Homerinho, tornando-se um espaço mais democrático e justo na sua execução."

A dificuldade em se conseguir pauta é um dos dilemas e ao mesmo tempo uma das grandes tragédias na vida de uma companhia de teatro - tal qual Antígona que é impedida de enterrar seu falecido irmão em sua terra natal pelo Rei Creonte. Assim como na tragédia de Sófocles, o profissional de teatro utiliza-se da teimosia e de um pouco de desobediência para enfrentar a tirania, mantendo-se fiel aos seus princípios. A demanda financeira também é uma constante de quem trabalha dependendo da noite na cidade, impactando a saúde mental e a qualidade de vida dos trabalhadores da arte. De acordo com a Associação Nacional de Medicina do Trabalho (ANAMT), a profissão de artista está entre as dez carreiras que mais causam depressão, devido às dificuldades em se manter sendo que a gota d'água, no que se refere à desvalorização, não vem apenas do poder público, mas também dos espectadores - ou da ausência deles.

Ao ser questionado sobre se sentir valoriza-

*Espectáculo do Barro ao  
Sangue (Acervo Pessoal)*



do através da arte, o entrevistado responde: “Não! Mas a classe artística está construindo esse valor. Tenho visto a mobilização dos artistas, a partir do incentivo e exemplo de Ivana Iza, em valorizar o trabalho, o empenho, e o investimento de cada grupo e artista.

Em Alagoas, temos dois exemplos claros de valorização do trabalho artístico teatral e autoral, que são dos artistas, a já citada Ivana Iza e Cristiano Marinho, dois expoentes que de fato se mantêm mediante venda de ingressos, em nosso estado. O sustento de Saulo não é oriundo apenas com o trabalho no teatro. A produção da Cia. Os Vers’Artes é diversa. Enquanto produto artístico teatral, neste ano foram realizadas apresentações do espetáculo “Do Barro ao Sangue”, com recursos da lei de incentivo federal Paulo Gustavo, mediante repasse da Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa (Semce) e de venda direta para a Escola Marista (Maceió).

Já outras produções foram realizadas, como, a pós-produção do curta-metragem “Que dia é hoje?”, Encontro de Capacitação Artística (Encart), Curso de Extensão Da Porta ao Corzmo, o qual desembocará no espetáculo A Porta, de autoria própria.

Então, isso é uma prova de que as leis de in-

centivo têm ajudado a mudar a realidade dos artistas e do público na cidade? “Sim. Entendendo que temos de certo, por enquanto, as leis de incentivo federal.

O Estado alagoano através da Secult (Secretaria de Estado da Cultura e Economia Criativa) tem buscado, neste ano, desenvolver Mais Cultura Alagoas.

Espera-se que seja um programa de estado e não de governo, seja projeto que tenha vida perpétua para a valorização da cultura e arte alagoana.” Contudo, Saulo aponta ue, mesmo com incentivos do poder público, ainda é insuficiente para a quantidade de artistas em Alagoas. “Sem contar que muitos são pessoas leigas e sem educação formal, acarretando exclusão de artistas e mestres que estão a longa data se entregando ao fazer artístico-cultural.”

Com todas as incertezas que cercam as políticas de incentivo à cultura e o pouco reconhecimento vindo por parte do público, os ensaios continuam. O próximo espetáculo, como o próprio artista pontuou, não é uma escolha e sim uma questão de luta por melhorias nas condições de trabalho e sobrevivência, para que os novos artistas possam ser absorvidos pela cidade e os veteranos saibam a hora de sair de cena.

# ENCART

## TRANCA RUA REZA ALTO

### SAULO PORFÍRIO IDEALIZADOR DO PROJETO E DIRETOR

SAULO PORFÍRIO - DIRETOR DA CIA OS VERS'ARTES - PRODUTOR DO EN CART Formado como ator pela Escola Técnica de Artes (Ufal, 2013), graduado pelo Curso Licenciatura em Teatro UFAL, 2019. Desenvolve trabalhos como escritor, diretor, ator, dramaturgo, produtor cultural, professor de Teatro, Artes e Projeto de Vida. Cofundador da Cia Os Vers'Artes, colabora com outras companhias teatrais para atuar em diversos trabalhos cênicos, como também em material publicitário e audiovisual. Em 2020 iniciou, nos Vers'Artes, sua trajetória pelo audiovisual atuando, roteirizado e dirigindo dentro da Cia. Em 2024 se envereda na publicação de seu primeiro livro infantil, Dandara e Sua Irmã Baobá.



#### PROJETO CONTEMPLADO



MINISTÉRIO DA CULTURA



#### REALIZAÇÃO



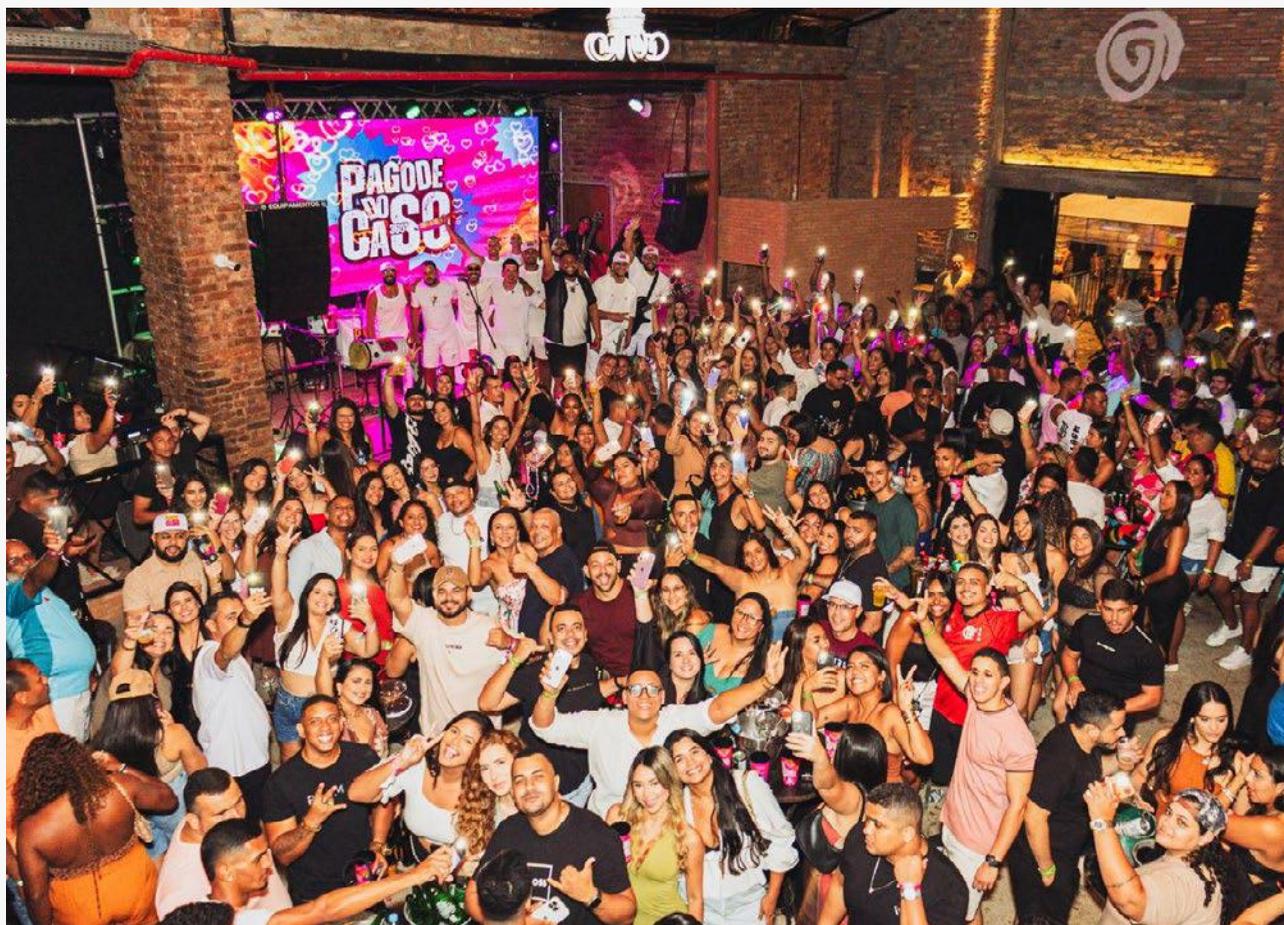
#### APOIO



# O RITMO QUE PULSA EM ALAGOAS: A ASCENSÃO E OS DESAFIOS DO SAMBA E PAGODE LOCAL

*Como artistas e produtores superaram barreiras e fazem o samba e o pagode alagoano crescer.*

Por Beatriz Caroline



*Evento Pagode do Caso do grupo de pagode Caso Indefinido (Divulgação)*

O cenário cultural alagoano tem testemunhado um crescimento notável e vibrante no universo do samba e do pagode, gêneros musicais que, antes percebidos como restritos a nichos específicos ou como música “de povão”, hoje conquistam um espaço cada vez mais amplo e diversificado no estado.

Essa expansão, no entanto, é o resultado de anos de dedicação, paixão e de uma luta constante pela valorização artística, como revelam as trajetórias inspiradoras de figuras-chaves como Ludy, uma jovem produtora de eventos e gestora artística com sete anos de experiência, e Rick Belo, vocalista e idealizador de projetos inovadores que moldaram a cena local. Este movimento não apenas reflete uma mudança profunda na percepção pública e no gosto musical, mas também sinaliza um processo vigoroso de profissionalização e fortalecimento dos talentos locais em Alagoas.

## Raízes e trajetórias pessoais

O pagode e o samba em Alagoas têm sua história marcada por iniciativas familiares e trajetórias pessoais que ajudaram a moldar o cenário atual. Ludy, de 22 anos, é um exem-

plo dessa influência. Filha de quem popularizou o tradicional “Domingo com Feijoada e Pagode” em Maceió, ela cresceu cercada pelas rodas de samba e transformou essa vivência em profissão. Hoje, com sete anos de experiência na produção de eventos e na gestão artística, concilia a administração do bar da família com a liderança da própria produtora, a Lero Produções. Essa dupla atuação, segundo ela, permite enxergar “os dois lados da moeda”, o dos contratantes e o dos artistas, o que amplia sua compreensão sobre o mercado.

História semelhante é a de Luiz Henrique Fernandes da Silva, conhecido como Rick Belo, vocalista do Pagode do Rick. Ele foi influenciado pelas festas e confraternizações da família, onde sempre se ouvia pagode, samba, MPB e bossa nova. O avô, fã de boleros de nomes como Altemar Dutra e Emílio Santiago, ajudou a despertar seu interesse pela música. O início da carreira, porém, foi quase acidental: Rick e um grupo de amigos foram convidados pelo pároco de Rio Largo para se apresentar em uma quermesse, mesmo sem saber tocar instrumentos. A experiência, apesar dos erros, despertou a paixão pela música e levou à criação da banda MegaStar, que



*Rick Belo e banda [Arquivo Rick Belo]*

começou tocando com instrumentos emprestados e alugados.

O período de estreia coincidiu com o auge do pagode no Brasil, quando grupos como Exaltasamba e Sorriso Maroto dominavam o cenário musical. Esse movimento nacional foi um incentivo extra para Rick seguir no gênero. Mais do que as referências externas, porém, foi a própria experiência de estar no palco e sentir a reação do público que consolidou sua escolha: ver as pessoas cantarem, dançarem e se emocio-

narem foi o que o motivou a transformar a música em carreira.

## **A reinvenção do gênero e a conquista de novos públicos**

Nos últimos anos, o pagode passa por uma significativa transformação em sua percepção cultural e sua projeção de público. Projetos como Tardezinha e Churrasquinho Menos é Mais têm desempenhado papel central nesse movimento, atraindo platéias mais jovens e segmentos antes pouco conectados ao gênero.

Tardezinha, idealizado por Thiaguinho, consolida-se como um fenômeno cultural e comercial. A turnê de 2023 reuniu mais de 750 mil pessoas em cerca de 180 horas de shows, distribuídos por 25 cidades brasileiras, além de passagens por Lisboa e Miami. Estima-se que o evento tenha gerado quase R\$ 200 milhões em receita. A edição de 2025 segue com sucesso: em Belo Horizonte, os ingressos da pré-venda acabaram em menos de 30 horas e os gerais foram esgotados em menos de um dia. A estreia no Rio de Janeiro, realizada no Estádio Nilton Santos, atraiu aproximadamente 60 mil espectadores, com ingressos vendidos meses antes da apresentação.

No mesmo movimento de expansão, o Churrasquinho Menos é Mais emerge como outra força significativa. O evento já mobilizou mais de 30 mil pessoas, com shows de cerca de seis horas de duração e surpreendeu ao vender mais de 15 mil ingressos em menos de 30 minutos. Esses projetos não apenas ilustram a capacidade do pagode de dialogar com diferentes camadas sociais e gerar resultados expressivos, mas também apontam para uma reinvenção estética e simbólica do gênero nacional.

No cenário alagoano, Ludy enxerga essa



Produtora Ludy [Arquivo Pessoal]

conjuntura como um momento de consolidação e profissionalização. “O pagode alagoano vive um momento de expansão e amadurecimento. As bandas locais entendem que a valorização do gênero precisa começar de dentro e, por isso, têm investido cada vez mais em profissionalização e aperfeiçoamento musical. Esse movimento tem elevado o ní-

vel das produções e contribuído para consolidar o gênero no estado.”, afirmou.

## Os desafios do palco alagoano

Apesar do crescimento e da maior aceitação do público, a trajetória de quem vive do samba e do pagode em Alagoas continua desafiadora. Os obstáculos afetam diretamente a sustentabilidade financeira e a valorização do trabalho artístico.

Para os músicos, o cenário é complexo. Aqueles que cobram valores condizentes com sua qualidade e experiência frequentemente perdem espaço para outros que aceitam cachês mais baixos, o que prejudica a classe e gera desunião. O resultado é um ciclo de desvalorização que afeta todo o setor.

Rick Belo, vocalista do Pagode do Rick, reforça essa percepção ao apontar que o valor pago pelos cachês ainda é baixo, o que dificulta manter uma banda estruturada e profissionalizada. “O maior desafio hoje é manter uma banda com os cachês que as casas e contratantes pagam. Montar um grupo pontual, chamando músicos freelancers, é mais fácil, mas criar um projeto sólido, com identidade e músicos fixos, exige muito esforço. É preciso

ralar bastante para conquistar respeito no mercado e ser reconhecido.”, relatou.

Para artistas do interior, o desafio é ainda maior. Além da necessidade de deslocamentos frequentes entre cidades, é preciso conquistar espaço e reconhecimento em cada apresentação, mostrando qualidade e profissionalismo para se destacar diante do público e dos contratantes.

## Projetos de Sucesso

Diante desse cenário desafiador, a valorização dos artistas locais tornou-se uma missão central para produtores e músicos que atuam no pagode em Alagoas.

Ludy, à frente da Lero Produções, é um dos nomes que têm liderado esse movimento. Inspirada por iniciativas de sucesso fora do estado, ela desenvolveu projetos para bandas e cantores adaptados à realidade alagoana, criando experiências com identidade própria. Essas ações têm cumprido três papéis fundamentais: fortalecer a imagem dos grupos musicais, aproximá-los do público e abrir espaço para negociações mais justas com casas de show e contratantes.

O principal exemplo desse trabalho é o Pa-

gode do Caso, evento criado em 2023 para o Grupo Caso Indefinido. Apesar de já ter uma década de carreira, a banda não recebia o reconhecimento proporcional à sua qualidade. Em pouco tempo, o projeto trouxe resultados significativos, ampliando a visibilidade do grupo, aumentando a demanda por shows e fortalecendo sua presença nas redes sociais. O trabalho também chamou a atenção de novos públicos e atraiu o interesse de artistas de fora do estado para possíveis parcerias.

Ludy também destaca o papel dos bares no desenvolvimento dos músicos. “Os bares desempenham um papel essencial na formação dos músicos. São verdadeiras escolas, onde os artistas têm a oportunidade de se conectar com o público, testar repertórios, aprimorar a presença de palco e construir vínculos duradouros. Para os estabelecimentos, é também uma oportunidade de revelar novos talentos e criar parcerias que muitas vezes se transformam em histórias de sucesso.”, explica.

Outro exemplo de iniciativa bem-sucedida é o Samba da Praça RL, projeto idealizado por Rick Belo e dois amigos em Rio Largo. Criado para oferecer apresentações gratuitas em um espaço público, o evento nasceu como uma roda de samba despreziosa e

rapidamente ganhou dimensão, atraindo multidões com apenas dois ou três dias de divulgação. Hoje, o projeto conta com apoio da prefeitura, que fornece estrutura de som, segurança e organização de trânsito.

Mais do que entretenimento, o Samba da Praça tem uma função social: em vez de ingressos, o público é incentivado a doar alimentos, que são destinados a famílias em situação de vulnerabilidade. A iniciativa não só ampliou a visibilidade do Pagode do Rick, mas também abriu espaço para que outros artistas locais se apresentem e conquistem reconhecimento.

Para Rick, a música continua sendo o eixo central de sua vida profissional. “Passei cinco anos vivendo exclusivamente de música e nunca passei necessidade. Recentemente comecei em outro trabalho, mas a música continua sendo minha principal fonte de renda. Tocamos praticamente todos os dias, em finais de semana e durante a semana, viajando por diversas cidades de Alagoas. Muitas vezes, os contratantes nem me conhecem pessoalmente, mas veem nosso trabalho na internet e nos chamam para tocar. Graças a Deus, é a música que continua sustentando minha vida.”, declara o artista.



# A DIFÍCIL ROTINA DA DUPLA JORNADA

*Entre partituras e composições,  
os desafios de conciliar ativida-  
des distintas*

Bruno Carlos Monteiro

Viver de música nunca foi simples. Em Alagoas, segundo menor estado do país, esse desafio ganha contornos ainda mais intensos. O território pequeno se reflete também nas oportunidades: são poucos os palcos e poucos os espaços para estilos que fogem do eixo mais comercial. O resultado é uma luta diária pela sobrevivência artística.

É verdade que o estado já deu ao Brasil e ao mundo grandes nomes – Djavan, Eliezer Setton, Hermeto Pascoal, Hekel Tavares, Bell Oliver, Galã





*Lucas Cupertino é professor, cantor e compositor [arquivo pessoal]*

do Brega, Wado, Carlos Moura, Manu Batidão e Mano Walter, dentre outros. Mas, para além desses artistas, a realidade de grande parte dos músicos alagoanos é bem diferente. Eles vivem dos shows em eventos locais, dependem de editais públicos e se acostumam com cachês tímidos, quase sempre insuficientes para transformar o sonho em sustento.

É aí que surge a necessidade da jornada dupla. Muitos artistas precisam vestir outros uniformes durante o dia para garantir a feira do mês, deixando a música – sua verdadeira vocação – para as horas que restam. É como se a arte fosse um segundo coração que pulsa em silêncio, esperando o momento certo de se fazer ouvir.

Nesta reportagem, mergulhamos nesse universo e trazemos as histórias de Lucas Cupertino e Moacir Leandro, dois artistas que, entre partituras e composições, dividem também a sala de aula e a rotina de guarda municipal.

### **Entre a sala de aula e o palco**

Conciliar a docência com a música pode parecer difícil para muitos, mas para Lucas Cupertino, professor de História e artista independente, essa é uma realidade que se constrói diariamente. Formado pela Universidade Federal de Ala-



*Lucas Cupertino realiza shows cantando MPB [alan photo]*

goas (Ufal) e com mais de sete anos de experiência no magistério, ele também é produtor cultural e cantor, atuando em projetos autorais e em eventos que o aproximam do público.

Lucas explica que sua paixão pela música se consolidou em 2016, quando montou com amigos a banda Loaci, de rock progressivo com influência cristã. O grupo chegou a se apresentar no



*Lucas Cupertino em seu modo professor se divertindo na sala com seus alunos [arquivo pessoal]*

Festival Encantos de Alagoas, mas se desfez alguns anos depois. A partir de então, ele decidiu seguir carreira solo e, em 2019, lançou o seu primeiro EP “Desacelerar”.

“Eu já cantava na igreja, mas pensar em viver profissionalmente da música só aconteceu naquele período com a banda. Depois, com os casamentos e festas em 2020, percebi que havia uma possibilidade real de retorno financeiro”, relembra.

Apesar disso, Lucas sempre soube que depender apenas da música seria inviável em sua realidade. “Sou um artista de interior e minha música não é o que mais circula na região, onde prevalecem o forró e o piseiro. Por isso, sempre tive consciência de que precisaria da educação para sustentar meu sonho artístico.”

Essa consciência levou o artista a investir na carreira docente. Ao prestar vestibular, ficou na dúvida entre jornalismo e história; porém, ao ver que a carreira de jornalista poderia ser mais tortuosa escolheu a docência. É professor há sete anos, tendo passado pelas redes pública e privada, por cursinhos e pré-vestibulares. Atualmente, além das aulas de História, desenvolve paródias, projetos de extensão e trabalhos culturais que aproximam os alunos da sua arte. “Da música eu levo para a sala de aula a leitura de público, e da

sala de aula eu levo para o palco a didática. São dois universos que se complementam”, resume.

Lucas conta que muitos estudantes consomem sua música e acompanham seus trabalhos. Essa aproximação, segundo ele, ajuda a criar um vínculo de confiança. “A arte abre portas. Quando me apresento de forma acessível, os alunos também percebem que podem construir seus próprios caminhos.”

Mesmo com a rotina intensa, ele encontra tempo para novos projetos. Dois trabalhos autorais estão em andamento, com composições que refletem sobre tempo, rotina, responsabilidades e amadurecimento. Diferente de antes, quando se via “obrigado a produzir”, o fato de ser professor - e já ter uma renda independente das produções - fez com que suas composições saíssem mais naturalmente. “Nunca pensei em parar de produzir. A frequência diminuiu, mas sigo atento aos editais, festivais e oportunidades”, afirma.

Questionado sobre como se apresenta atualmente, Lucas não hesita: “Hoje digo que sou professor de História, mas gosto de incluir a música também. Não quero deixar a sala de aula, mas me imagino em um espaço mais amplo, como um Instituto Federal por exemplo, que me permita unir a música e a vida acadêmica.”

Entre sonhos e desafios, o que não falta é pai-



*Moacir Leandro ficou em terceiro lugar no festival de música encantos [Karla Lima]*

xão pelo que faz. “O tempo é a nossa única moeda de troca. E eu tento usar o meu para não perder de vista aquilo que me move: ensinar e cantar”, conclui.

### **De dia Guarda Municipal, à noite músico profissional**

Equilibrar a rotina de uma Guarda Municipal com a leveza da música pode parecer improvável, mas é exatamente essa a vida que Moacir Leandro leva há quase duas décadas. Atalaienense de nascimento e radicado em Maceió, ele divi-

de o tempo entre as escalas na corporação e as noites, embalando o público nos barzinhos da capital alagoana.

O primeiro contato com a música veio ainda na adolescência, aos 16 anos, tocando corneta na escola. Pouco depois, sob orientação de um policial militar músico, escolheu o trompete como instrumento principal. Foram anos de aprendizado em filarmônicas, corais e orquestras; experiências que abriram caminho para festivais,

bandas de pagode e projetos culturais, mas a virada de chave veio após um problema de saúde. “Depois de uma cirurgia de hérnia, precisei parar de tocar instrumentos de sopro. Peguei um violão velho em casa e decidi aprender sozinho. Já tinha a base teórica do trompete, então fui montando acordes, estudando por conta própria. Assim nasceu o cantor de barzinho”, relembra.

Em 2008, Moacir iniciou a carreira de cantor de MPB em Maceió. Primeiro, apresentou-se



*Moacir junto com seus alunos da guarda mirim [arquivo pessoal].*

acompanhado por um violonista; depois, de forma independente. “Aprendi violão para não depender de ninguém. A partir daí, construí meu repertório, misturei voz, violão e trompete, e fui conquistando espaço nos bares”, conta.

O músico chegou a lançar um CD, participou três vezes consecutivas do Festival Encantos de Alagoas com composições próprias e construiu uma trajetória sólida na noite maceioense. Atualmente, é contratado fixo de uma churrascaria e mantém presença em eventos e bares da cidade.

Em paralelo à atividade musical, Moacir construiu carreira na Guarda Municipal de São Miguel dos Campos (AL), onde ingressou em 2007 após aprovação em concurso. Hoje, é inspetor-músico e coordena o projeto Guarda Mirim (@projeto\_guardamirim), que atende cerca de 40 crianças de famílias humildes da cidade com aulas de música, artes marciais e xadrez. O projeto já teve mais de 10 apresentações apenas este ano, sendo uma delas na feira da ponte, tradicional feira popular do município.

“O projeto mostra para os jovens que respeito e responsabilidade caminham juntos com a arte. Dou aulas de flauta doce, teoria musical e canto. É um trabalho feito com poucos recursos, mas com muito amor. Quem ganha é a sociedade”, afirma.



*O cantor e guarda municipal Moacir Leandro se apresentando junto das crianças da guarda mirim [arquivo pessoal].*

O segredo para conciliar as duas vidas está na escala da Guarda. “Trabalhamos um dia e folgamos os outros. Isso me permite organizar a agenda de shows sem comprometer a função pública. Nos dias de farda, sou inspetor. Nas folgas, sou músico. E nas duas funções busco dar o meu melhor”, explica.

Sobre sua personalidade, Moacir diz que consegue separar e até ser “outro” quando está se apresentando. “Eu me transformo no palco. O Moacir professor, ou o Moacir guarda, não é o mesmo que está no palco. Eu me considero um artista com sentimento, não apenas um executor de notas. A minha forma de interpretar a música e a minha performance, que incluem tanto a voz quanto o trompete e o violão, tornam meu trabalho único e diferente do que já existe na noite de Maceió”.

Ao ser perguntado como ele prefere ser conhecido pelo seu trabalho com a música ou como guarda municipal ele não titubeia: “eu me apresento como artista”.

Apesar das dificuldades e da falta de apoio consistente de políticas culturais, Moacir segue firme na missão de viver a arte sem abandonar a segurança pública. “A música é minha paixão e a Guarda é minha responsabilidade. A dupla jornada exige esforço, mas também me dá realização. Afinal, posso contribuir com a cidade e, ao mesmo tempo, tocar corações com meu violão.”

*Hoje Moacir Leandro é inspetor-músico da Guarda Municipal de São Miguel dos Campos [arquivo pessoal]*





# QUANDO A NOITE É TRABALHO: O OUTRO LADO DA DIVERSÃO MACEIOENSE

*A madrugada de quem não descansa*

Beatriz Domingos

**M**omentos de lazer se tornam essenciais no dia a dia e acabam servindo de fuga da realidade de uma rotina corrida e cansativa. Por esse motivo, bares, restaurantes e casas de festa são as opções mais buscadas para quem prefere curtir a noite. E, para que isso aconteça, cozinheiros, garçons, seguranças e músicos trabalham para fazer a festa “rolar”.

A capital alagoana é conhecida por sua orla iluminada, repleta de quiosques, e também por outros pontos atrativos por toda a



*Segurança na porta de um bar no bairro Graciliano Ramos, parte alta de Maceió (Foto: Beatriz Domingos)*



cidade. Da parte baixa à parte alta, são diversos locais com temáticas diferentes para cada tipo de público, do jovem aos mais velhos.

Segundo a Junta Comercial do Estado de Alagoas (Juceal), o setor de restaurantes, bares e lanchonetes teve um crescimento de 60% nos últimos cinco anos em todo o estado. Foram mais empresas criadas para o entretenimento noturno, fazendo com que a noite maceioense permaneça funcionando.

Assim, trabalhar à noite, seja por opção ou necessidade, acaba se tornando um estilo de vida. A troca do dia pela noite, a ausência em funções diurnas e a busca por descanso entre alguns intervalos no decorrer do dia viram uma rotina e, uma vez adaptado a isso, mudar de realidade não parece mais uma opção.

## Entre vários desafios, o público

Quem está imerso no trabalho noturno sabe que há desafios para lidar diariamente, como locomoção, segurança e, principalmente, o público daquele local. Em um ambiente noturno, existem diversos pontos de vista e aqueles que estão pelo trabalho

se dividem entre opção e necessidade.

É o caso do Luiz Gomes, garçom em um bar na parte alta da cidade, e como já trabalha na noite há mais de 15 anos, sente-se acostumado com esse tipo de rotina. “É preciso ser frio e calculista... a noite é imprevisível”, afirma Luiz sobre o desafio de lidar com o público noturno. Depois de uma longa jornada de trabalho, o sentimento ao chegar em casa é de dever cumprido. “Levar o pão de cada dia para casa e dormir com a cabeça tranquila, com a consciência de que executei o serviço com excelência.”

No mesmo bar, há outros dois funcionários que lidam com uma situação semelhante entre si: a dupla jornada. Henrique Ribeiro trabalha como segurança à noite para que consiga estudar durante o dia, e essa troca de funções da noite pelo dia também é a realidade de Maria Luzia da Silva, que trabalha como faxineira do local durante a noite e, no contraturno, cuida de sua mãe doente. O descanso acaba sendo um luxo em meio à rotina agitada.

## Por trás dos palcos

A música é um dos pontos mais atrativos



*Preparo de drinks por garçons  
(Foto: Beatriz Domingos)*

para um local; o show é o que conquista o público. A atração musical é montada não somente por uma banda ou um cantor, mas com o esforço de uma equipe.

É a realidade de Fernando Santos há mais de 20 anos como técnico de som, e, apesar da formação universitária em educação física, é fascinado pela música. Para Fernando, trabalhar enquanto para alguns é um momento de diversão, para ele é uma renúncia ao descanso, mas que compensa.

“Uma sensação de sacrifício e ao mesmo tempo de privilégio, por ter de abrir mão de alguns momentos de lazer com amigos e familiares e privilégio por ser parte da diversão de uma plateia inteira, fazendo a parte essencial”, enfatiza o técnico.

Mesmo estando no início da carreira e sem referências no currículo, toda a dificuldade que Fernando enfrentou foi superada por sua persistência e pelo apoio que recebia de amigos e familiares.

Com o avanço das mídias sociais, outra profissão bastante presente dentro da cena noturna é a de social media (profissional de mídias sociais). Acompanhando todos os momentos do determinado local ou pessoa física, o trabalho se estende por toda noite.

Esse é o caso da estudante de psicologia, Gabryela Brito, que adotou como necessidade para arrecadar uma renda extra, e acabou se apaixonando pelo audiovisual. Compondo a equipe de uma banda de forró, Gabryela enfrenta obstáculos como qualquer profissional.

“Trabalhar à noite é um desafio de verdade, porque a noite é longa, a gente vê de tudo, tem que ter muita paciência, porque a gente está lidando com todo tipo de pessoa. A gente precisa ser o mais profissional possível e o mais objetivo também para poder entregar aquilo que as pessoas estão esperando. Não é só gravar, não é só tirar foto como as pessoas pensam. Não, não é uma diversão, é um trabalho. Mas é um trabalho que ainda precisa ser muito respeitado, ser visto de outra forma”, afirma a estudante.

De bares a casamentos, o público varia, assim como o sentimento de segurança em



estar naquele determinado local. “Algo que me marcou negativamente é você estar ali fazendo seu trabalho e muitas vezes um homem inconveniente querer se chegar a você. Muitas vezes você não é respeitada nesses ambientes e isso sempre são coisas que marcam muito. Homem que não respeita o nosso espaço. A gente, como mulher no audiovisual, sempre tem que estar preparada para tudo. Coisas que muitas vezes os homens dentro do audiovisual nunca vão sa-



*Grupo Samba Universitário se apronta para mais uma apresentação (Foto: Beatriz Domingos)*

ber como é estar nesse lugar de vulnerabilidade”, desabafa Gabryela. Trabalhar pela noite traz consequências, positivas e negativas, e o assédio acaba por ser uma realidade “silenciada”, porém presente.

### **Quando as luzes se apagam**

A música cessa e o público vai embora; a cidade parece descansar. Mas, para quem manteve a diversão viva, é hora de recolher

os últimos copos, desligar os equipamentos e voltar para casa. A rotina recomeça no dia seguinte, sem aplausos nem holofotes, mas com a consciência de que, sem esses trabalhadores, a noite maceioense não teria o mesmo brilho.

Entre desafios, conquistas e renúncias, eles são a prova de que, por trás de cada momento de lazer, existe uma história de esforço e resiliência que sustenta a diversão de toda uma cidade.

# A VIDA POR TRÁS DAS LUZES: QUEM MANTÉM MACEIÓ DESPERTA ENQUANTO PARTE DA CIDADE DORME

*Narrativas invisíveis de trabalhadores que sustentam a cidade na calada da noite*

Erlânia Soriano



*Alex Sidnei concilia o trabalho da noite e os estudos durante o dia [arquivo pessoal].*



**Q**uem frequenta os redutos noturnos da capital alagoana dificilmente imagina as histórias de quem faz a noite acontecer. Entre baladas, encontros e shows, existe um grupo que transforma o trabalho noturno em oportunidade: garçons, motoristas, seguranças, músicos e tantos outros que garantem que a cidade continue pulsando depois das 17h.

Para essas pessoas, a noite vai muito além de um turno de trabalho. É espaço de aprendizado, de interação com diferentes perfis de clientes, de desenvolvimento profissional e de realização de sonhos que se estendem além da madrugada: estudar, sustentar a família, conquistar uma profissão.

Wiklas Bruno, motorista de aplicativo, conta que sua rotina noturna é marcada por desafios, mas também por expectativas de crescimento: “Era por volta da uma da manhã quando aceitei uma corrida com dois passageiros que pediram destino ao posto Forene. No caminho, anunciaram o assalto. Um deles estava armado. Levaram meu celular, o dinheiro e me trancaram no portamalas do carro, em uma região conhecida como (Usina Utinga Leão). Passei a noite preso até que, ao amanhecer, consegui escapar”, relata.

Mesmo diante de situações de risco, Wikler aprendeu a transformar a experiência em estra-



*Alex Sidnei atendendo de graça na sua dupla jornada [arquivo pessoal].*

tégia: observa os passageiros antes de embarcar, evita corridas com avaliações baixas e descarta bairros que considera perigosos. Trabalhar de dia ou à noite significa autonomia, flexibilidade e chance de se relacionar com pessoas de diferentes perfis, enquanto constrói seu próprio caminho profissional.

Já João Lucas, outro motorista de aplicativo,



*Durante o dia, Alex Sidnei é estudante de medicina na Unima [arquivo pessoal].*

também destaca os benefícios da rotina noturna: “Quando decidi rodar à noite, gostei: o combustível rende mais, o ar gelava e o trânsito era menor. A melhor parte é atender clientes que valorizam o serviço e deixam gorjeta; a pior, lidar com passageiros que tentam tirar vantagem”, explica. João ainda recorda episódios curiosos, como acompanhar uma passageira até um motel para flagrar o marido.

Antes de atender integralmente à plataforma Uber, João trabalhava como promotor de merchandising, mas encontrou na rotina noturna uma oportunidade de ganhar mais, ter autonomia e desenvolver habilidades de gestão e atendimento.

Entre os trabalhadores noturnos, está Alex Sidnei, garçom e estudante de Medicina do Centro Universitário de Maceió- UNIMA, natural de Jequiá da Praia. Um menino de vida simples que

aprendeu desde cedo a conciliar estudo e trabalho. Para Alex, a noite é sinônimo de sustento e aprendizado, possibilitando investir nos estudos e aproximar-se do sonho de cursar Medicina.

Alex lembra com orgulho que, ainda na adolescência, representou Alagoas no Soletrando, do programa Caldeirão do Huck, experiência que fortaleceu sua confiança e determinação. Sua trajetória também teve desafios: perdeu o emprego em meio a dificuldades familiares e acadêmicas, e teve sua matrícula indeferida na cota para estudantes pardos na Ufal. Mesmo assim, conseguiu uma bolsa pelo Prouni em uma universidade particular, garantindo a continuidade dos estudos e a aproximação do sonho de se tornar médico.

Apesar das jornadas cansativas, Alex encara o trabalho noturno como resistência: aprender a lidar com diferentes situações, conhecer pessoas e desenvolver disciplina e foco, competências que se refletem tanto na vida profissional quanto acadêmica.

Existe muita vida noturna em Maceió, e as histórias de Wiklas Bruno, João Lucas e Alex Sidnei mostram que Maceió vai muito além das luzes, da música e da festa. Existe uma rede de trabalhadores que transforma o turno da noite em aprendizado, crescimento e oportunidades de conquistar sonhos.

Para os motoristas, a noite é a chance de de-



*Lembrança de quando Alex Sidnei participou do programa Soletrando [arquivo pessoal].*

envolver habilidades de comunicação, gestão de tempo e estratégia frente a situações de risco; para Alex, é caminho para educação, autonomia e realização pessoal; para João é subsistência e para Wiklas é a chance de trabalhar para si mesmo. Todos compartilham o mesmo ponto: o trabalho noturno é um espaço de, onde dedicação e esforço constroem histórias de superação.

A noite de Maceió é, portanto, feita por pessoas que carregam mais do que mesas, carros e pedidos. Elas carregam sonhos, histórias e a coragem de transformar desafios em força. Enquanto a cidade dorme, elas mantêm a vida em movimento, construindo futuro com trabalho, perseverança e esperança.



*Dj Rodrigo Lima, tocando em boate (Arquivo pessoal)*

## DO PALCO À PISTA: A MÚSICA QUE MOVE A NOITE DE MACEIÓ

*Entre beats, luzes e coragem, djs mostram como a cultura noturna fortalece a identidade e a economia criativa da cidade*

**Andressa Thainara**

**E**nquanto muitos aproveitam a noite para encontros e diversão, artistas e produtores musicais fazem dela um local de trabalho e uma oportunidade

de renda. DJs como Rodrigo Lima, André Lorenzo e Saphira Star compartilham, nessa reportagem, trajetórias marcadas por desafios, dedicação e paixão pelo ofício.

Dessa forma, a noite maceioense é tida como um lugar de refúgio, onde músicos e artistas encontram propósito de vida, sustento e entretenimento.

## DJ Rodrigo Lima

Atualmente, o DJ Rodrigo Lima é referência na cidade de Maceió. Sua trajetória começou em 2018, quando teve o primeiro contato com equipamentos de som como: a mesa de mistura e decks, caixa de som emprestados por colegas de profissão. O evento que marcou o início da sua carreira foi um aniversário de 15 anos de uma amiga, e a partir daí, passou a se apresentar em festas maiores, ganhando destaque nas principais casas de show do estado.

Segundo Rodrigo, a recepção do povo maceioense é muito positiva. Sua experiência fez com que adquirisse facilidade na percepção da energia da plateia, na interação do público e na conexão com a música. Percorrendo diversos estilos musicais, o DJ afirma que funk e swingueira são os ritmos preferidos da galera. Além da música eletrônica, Rodrigo cita como inspirações artísticas os DJs Dennis, Alok e Pedro Sampaio.

Quanto aos jovens DJs que estão começando, Rodrigo aconselha estudar constantemente, conhecer diferentes estilos musicais, praticar bastante, começar em eventos menores, fazer lives, testar seus sets e construir reputação aos poucos. Ele destaca a importância de ter paciência e persistência, valorizar cada oportunidade, respeitar colegas e interagir com o público, fazendo cada apresentação como se fosse única.

Para Rodrigo, se Maceió fosse definida por uma batida, seria o funk – ritmo que representa a energia vibrante da cidade. Hoje, ele sonha em levar seu trabalho para eventos nacionais e criar apresentações com tecnologia de ponta - incluindo drones e sets que misturam ritmos, oferecendo experiências únicas e inesquecíveis.

## DJ André Lorenzo

Crescendo cada vez mais no cenário musical de Maceió, o DJ André Lorenzo é conhecido por tocar em eventos promovidos pela Prefeitura de Maceió. Para ele, participar de um evento desse porte é mais do que uma oportunidade profissional: "é a chance

de estar perto dos fãs e sentir de perto a força da cultura local". Segundo ele, o São João de Maceió, em 2022, foi um dos eventos mais marcantes de sua trajetória, marcado pela retomada após a pandemia.

O apoio é um elemento essencial dentro e fora dos palcos. Nos bastidores, ele conta com uma equipe estruturada – formada por roadies, produtor, assistente, videomaker e motorista – que garante profissionalismo e qualidade em cada apresentação, mesmo diante dos desafios logísticos. Já no cenário cultural, Lorenzo destaca a importância do apoio institucional, por meio de

iniciativas da Prefeitura e de parceiros, que fortalecem a cena artística local e dão mais credibilidade aos talentos de Maceió. Com essa rede de suporte, sua carreira ultrapassou as fronteiras de Alagoas e o levou a se apresentar em vários outros estados.

## DJ Saphira Star

DJ Drag Saphira Star, nome artístico de Emanuel Silva Ribeiro, é uma das drags que mais se destacam na cena musical por unir talento, coragem e autenticidade. Sua paixão pela arte começou cedo no teatro,

*Dj Andre Lorenzo em show (Arquivo pessoal)*



desde criança tinha um amor pelos palcos, adorava participar das apresentações da escola e da igreja, inspirada pelo teatro e por personagens femininas marcantes que ajudaram a moldar sua persona drag. Saphira descobriu na música e nas pistas uma forma de expressão e resistência, transformando cada apresentação em um ato de liberdade.

Durante o dia, Emanuel constrói com esforço a própria vida; à noite, se transforma em Saphira Star, uma drag queen que brilha nos palcos e nas pistas, montada com sua maquiagem artística, uma performance poderosa e sets cheios de energia. No início, o caminho não foi fácil. Saphira enfrentou preconceitos por ser drag queen em um espaço ainda dominado por homens, mas sua persistência, dedicação e autenticidade a fizeram conquistar respeito e admiração. Hoje, é lembrada não apenas pelo talento, mas pela energia contagiante e pela forma como transforma cada apresentação em uma experiência única.

Nos palcos, Saphira Star mistura funk, pop e eletrônico em sets que priorizam a interação com o público e a energia da

pista. Para ela, ser DJ vai além de tocar músicas, é criar uma atmosfera de liberdade, diversidade e celebração, onde cada pessoa se sinta à vontade para se expressar. Com dedicação, estudo e treino, conquistou respeito no cenário local e hoje é reconhecida pela autenticidade, pelo talento e pela capacidade de transformar cada apresentação em um momento único, servindo também de inspiração para jovens que enfrentam o mesmo preconceito de ser uma drag queen.

Quando perguntada sobre o que representa a sua batida, Saphira responde sem hesitar: “minha música é a força da minha história, o som da resistência que se transforma em alegria na pista”. As trajetórias de Rodrigo Lima, André Lorenzo e Saphira Star revelam a força da economia noturna em Maceió e a diversidade de histórias que dão vida à cena cultural da cidade. Mais do que animar festas, esses profissionais mostram que a música é trabalho, resistência e celebração, consolidando Maceió como um espaço onde arte e entretenimento se encontram para movimentar não só as pistas, mas também a identidade cultural maceioense.







*Interior da boate Joy [Luciano Araujo].*

# A TENDA DA NOITE, UM LUGAR DE ACOLHIMENTO

*Comunidade LGBTQIAPN+ conta suas vivências em espaços sem preconceito em Maceió*

**Luciano Araújo**

**N**os dias de hoje, não diferente de anos atrás, a comunidade LGBTQIAPN+ sofre com preconceito e discriminação. Isso se torna, de alguma forma, um fator constante no país, seja por pessoas alinhadas a um pensamento mais reacionário, seja por convicções religiosas, e em Maceió isso não é diferente.

A intolerância mostra-se acentuada em Maceió, a qual ocupou, em 2024, o 4º lugar em assassinatos (7 mortes) entre as capitais do País, segundo o Observatório do Grupo Gay da Bahia (GGB), a mais antiga ONG da causa na América Latina. Entre as 3 primeiras estão Salvador (14 mortes), São Paulo (13 mortes) e Belo Horizonte (7 mortes). Ainda segundo os dados, o Brasil teve 291 pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ mortas em 2024, 34 a mais que em 2023 e as regiões onde mais se matou foram Sudeste (99) e Nordeste (99).

Embora isso ocorra, as pessoas que se identificam de outra forma de gênero e outra orientação sexual, buscam um lugar de acolhimento para frequentar as noites de Maceió, no qual se identificam; seja bar, restaurante ou boate.

### Da Nostalgia aos dias atuais

Entre bares e boates que a comunidade LGBTQIAPN+ frequentaram no passado, destacam-se lugares como a boate Number One,

que teve seu auge na década de 1990 e hoje não existe mais; e o bar da Rosa Mossoró (o qual também não funciona mais), conhecida pela sua recepção amigável e acolhedora.

De acordo com o servidor público E.M, 39 anos, sempre frequentou o Rex Jazz Bar desde o seu local antigo, quando o local era frequentado por um público mais diversificado, de “tribos” e idades distintas, hoje isso mudou, segundo ele, sua frequência no Rex é devido aos shows realizados na casa.

### DJs Drags e Trans

Atualmente, a comunidade LGBTQIAPN+ busca lugares como a boate Joy, o bar Bazarte e o Rex Jazz Bar; cada um deles tem especificidades que atraem o público para curtir a noite na cidade, embora sintam que existem poucas opções na capital alagoana para serem frequentadas pela comunidade.

Mesmo que ainda existam poucas opções, há lugares para chamar de seu e se divertir um pouco ao som de uma boa música. A boate Joy dedica-se na realização de festas temáticas, com produtoras específicas e DJs da casa promovendo muita diversão. É o caso da DJ Drag Saphira Star (@saphirastarofc) e a da DJ trans Sofi Dragun (@sofidragundj).

A Drag Saphira Star iniciou sua trajetória como DJ na boate Joy a partir de um convite. Antes, era frequentadora do lugar. “Então o Gil, ele é também produtor tanto aqui da Joy quanto da Rex, ele olhou para mim e falou: ó vou te dar uma chance vou lhe dar uma data você vem e toque e você vai vai arrasar.”

Saphira conta que se identificou de imediato com a discotecagem: “Cheguei, toquei, senti, vendo o pessoal dançando, o pessoal se divertindo, tanta gente diferente ali, é, se divertindo, porque a gente passa tantas coisas dentro da semana, né? [...] A gente tem tantos problemas, às vezes mais do que as outras pessoas e estar naquele momento se divertindo, sentir aquela energia para mim foi reconfortante. Então ali eu entendi que era o meu papel, um dos meus papéis, é, tá ali naquele lugar e foi muito prazeroso.”

Há cerca de nove meses, Emanuel dá vida a Drag Saphira Star e toca nas noites da Joy, em uma das festas da produtora Baile do Kaos (@bailedoKaos). Sobre o surgimento da Saphira ele afirma, “Ela veio nascendo e crescendo dessa maneira. [...] uma parte artística, a parte em que eu me comunico com as pessoas, que às vezes eu sou muito tímido como eu estou com Emanuel, mas a Saphira, a Saphira ela pode tudo. A Saphira, ela realmente às vezes ela



*Interior da boate Joy [Luciano Araujo].*

tem super poderes. Ela é super mais carismática que eu. Ela consegue falar com todo mundo, ela consegue Ah, eu queria tal coisa, Saphira consegue. Às vezes eu falo: ‘Olha, eu não vou, quem vai é Saphira’”.

De forma semelhante, aconteceu com a mulher trans Aurora Sofia, conhecida como Sofi



*Saphira Star posa no backstage da Boate Joy [Luciano Araujo].*

Dragun, que externou o seguinte para nós: “quando era no tempo da The Place, Pub Fiction, que a gente já tinha essa frequência quando a Ibiza também era aberta e tipo assim, eu tive um acolhimento muito enorme, muito grande em questão [...] me acolheram bastante por conta que eu era uma pessoa um pouco tímida, um

pouco mais fechada. Então tipo conheci pessoas que me deram oportunidade, né? Então, é muito gratificante participar agora, né? De Participar, tipo assim, né, em questão de ser DJ agora, porque tenho 4 anos de DJ aqui na Joy Club e é um lugar que acolhe a diversidade, LGBTQIAPN+ e que todos se sentem totalmen-



*Sofi Dragun posa no backstage da boate Joy [Luciano Araujo].*

te livres de ser como elas são, não só aqui como a Rex Jazz Bar também.”

Conversamos com Diêgo Lacerda Costa, doutor em Letras/Linguística (Ufal) e autor da tese intitulada “Arquivos de opressões e resistências: o discurso sobre as expressões sexuais periféricas na tensão entre espaços públicos e privados”.

As noites de Maceió estão em constantes mudanças, e após a pandemia, percebe-se aos poucos o retorno e a abertura de locais para a comunidade LGBTQIAPN+, mesmo que de modo tímido. Isso vem a refletir na fala do pesquisador Diêgo Lacerda Costa: “O fato é que ainda hoje há a necessidade de guetos em cidades como Maceió, cidade turística de grande porte”. Quando esses espaços surgem, outra questão aparece: a de não abarcar toda a pluralidade: “saunas gays e boates não conseguem acolher toda a diversidade e pluralidade de gênero e sexualidade, focados mais nos padrões do gay masculino de classe média, consumidor de moda e costumes que muitas vezes reproduzem a heteronormatividade.”

Muito há a ser feito no sentido de compreender as necessidades desse público específico e de dar voz a quem a sociedade coloca à margem, mas que busca a cada dia um lugar de dignidade e respeito.

## Entrevista: Diêgo Lacerda

Professor do IF Baiano

**Como surgem os guetos e qual o paralelo que se percebe nos dias de hoje com lugares semelhantes?**

Os guetos surgem como analogia aos lugares segregadores da 2ª Guerra Mundial, tais como os Guetos de Varsóvia. Lugares de refúgio e de fortalecimento de laços entre pessoas que fazem parte de uma minoria social. Atualmente, os guetos são mais abertos e flexíveis, fluidos e plurais, mas ainda preservam as características de espaços de expressões minoritárias e dissidentes dos sujeitos que não se enquadram no comportamento padrão, nem nos padrões heteronormativos de sociabilidade. Portanto, os guetos podem ser hoje qualquer espaço de expressão para onde convergem grupos que têm suas vozes caladas, silenciadas e interditadas nos espaços públicos.

Na história do movimento LGBTQIAPN+ no Brasil, os guetos exerceram importantes funções como espaço de resistência, especialmente no final da década de 1970, quando o movimento gay driblou a repressão e promovia encontros que iam do desbunde aos debates mais politizados.



Dr. Diêgo Lacerda [Arquivo pessoal].

**Qual a sua percepção desses espaços na cidade de Maceió?**

Na cidade de Maceió, a existência dos guetos passa por um recorte de classe. A classe média se aproveita de espaços privados para se divertir. Em lugares como o Centro Histórico do Jaraguá, a conhecida rua Sá e Albuquerque lota de diversidade aos fins de semana. A maior parte dos frequentadores, no entanto, ficam nas ruas, no entorno dos bares cercados e murados. Infelizmente, esses espaços são estruturados pela lógica do consumo, que não deixa de ser burlada pelos frequentadores mais resistentes, mas também não representa uma maior acessibilidade ao espaço público.



# ENTRE A DISTÂNCIA E A PAIXÃO, TORCEDORES DE FLAMENGO E ATLÉTICO-MG MOVIMENTAM A NOITE MACEIOENSE

*Distante dos estados de seus times do coração, torcedores transformam bares de Maceió em espaços de união e festejo*

Alessandra Lima

**A**lagoas é um estado que recebe inúmeros jogos em seu principal palco do futebol, o Estádio Rei Pelé, especialmente do CRB e do CSA. Mas há também uma gama de torcedores que vivem longe dos seus times de coração e que, apesar da distância física, mantêm o sentimento de amor sempre vivo.

É justamente para fortalecer esse vínculo e reunir esses apaixonados que embaixadas e consulados de diferentes clubes de fora marcam presença em Alagoas. Em uma pesquisa na internet, é possível identificar que, entre os 20 times da Série A do Campeonato Brasileiro, ao menos 12 possuem representações no estado. Oficialmente, são três embaixadas, duas do Flamengo

e uma do Bahia, e cinco consulados, dois do Ceará e um do Atlético-MG, Sport e Grêmio. Além das representações oficiais, torcedores de Cruzeiro, Botafogo, Fluminense, Internacional, São Paulo e Corinthians também se organizam em grupos independentes para apoiar seus times no estado.

Nos bares da cidade, entre goles de cerveja e gritos de gol, eles encontram uma forma de transformar a saudade em torcida. Esses encontros têm como objetivo apoiar a equipe e fortalecer os laços com amigos que compartilham a mesma paixão. É o caso da ConFlaria Maceió e do Consulado Alagalo, que reúnem torcedores de Flamengo e Atlético-MG na capital alagoana.



*Flamenguistas reunidos em dia de jogo no bar Casa da Picanha (Foto: Arquivo ConFlaria)*

## Onde estiver, estarei

Para Evaristo Barros Pucu, embaixador da ConFlaria Maceió, embaixada oficial do Flamengo na cidade, a distância não é um obstáculo. O grupo, que completou nove anos no último mês de agosto, se reúne em todos os jogos do time carioca em bares de Maceió. Entre cânticos, instrumentos musicais e gritos de apoio, os encontros transformam o bar em um lugar de celebração.

“É uma paixão inexplicável. Só quem é flamenguista sabe”, resume o embaixador. O flamenguista segue à risca o hino rubro-negro, indo onde o Flamengo estiver. “Mesmo assistindo pela TV, longe, a gente se reú-

ne, também viajamos para acompanhar partidas no Nordeste e no Rio de Janeiro. Este ano fomos para Aracaju e teve até torcedor nos Estados Unidos para acompanhar a Copa de Mundo de Clubes”, conta.

Para o torcedor, a distância pode até separar do estádio, mas nunca de apoiar o Flamengo. “Esse momento é muito especial, a gente faz do bar o nosso mini-Maracanã. E a gente leva instrumentos musicais, bandeiras; cantamos o jogo todo. A gente tem uma paixão, uma devoção pelo Flamengo gigante, então é importantíssima essa questão de mesmo estando longe do Rio, estamos sempre reunidos”, explica Evaristo.

Atualmente, a ConFlaria assiste aos jogos no bar Casa da Picanha, localizado na Avenida Dr. Antônio Gomes de Barros, na Jatiúca. O espaço foi escolhido pela exclusividade na transmissão das partidas do Flamengo e pelos descontos oferecidos a sócios da embaixada e do clube.

## Uma avenida, duas torcidas

Na mesma avenida, a apenas 180 metros de distância, está o restaurante Buenos Aires, que à noite se transforma em ponto ofi-

cial de encontro do Consulado Alagalo, representando o Atlético-MG em Maceió. Há três anos, o local é palco de encontros e da paixão atleticana.

Para o mineiro Lucas Mendes, presidente do consulado, reunir torcedores da equipe de Minas Gerais vai além de acompanhar os jogos. “Estar com outros atleticanos ajuda a matar a saudade de Minas. Temos o mesmo sotaque, os mesmos costumes, e isso cria uma conexão especial. Além disso, surgem amizades e até oportunidades de trabalho. Mais do que torcer, é



Atleticanos acompanhando a partida do Galo no restaurante Buenos Aires (Foto: @alagaloconsulado)

uma forma de se sentir em casa”, enfatizou.

O consulado também recebe turistas mineiros que visitam a cidade e procuram um lugar para torcer. “Todo atleticano que vem a Maceió e quer assistir ao jogo do Galo já sabe que o Buenos Aires é o ponto de encontro. E isso vale para todos os jogos, não apenas os clássicos.”, destacou Lucas.

Nos dias de partida, o clima é de arquibancada: bandeirões, faixas, camisas do Galo e muita resenha. “É inexplicável. Supre um pouco a saudade de estar no estádio em Minas”, completa o presidente, natural de Uberaba (MG), mas que mantém vivo em terras alagoanas o amor e o acalento pelo clube mineiro.

## Onde as torcidas se encontram

Além de mexer com a emoção, os encontros aquecem a economia local. Em dias de grandes jogos, bares registram casa cheia e aumento no faturamento. É o caso do restaurante Buenos Aires, que, além de exibir com exclusividade as partidas do Atlético-MG, também recebe torcedores de outros clubes.

A escolha dos jogos transmitidos depen-

de da demanda do público que frequenta o local, como explica a argentina Laura Di Croce, garçoneite do Buenos Aires há 12 anos. “No restaurante temos três televisões e transmitimos todos os jogos. A torcida do Atlético Mineiro se autoconvoca no nosso espaço e tem prioridade. Mas, conforme os torcedores vão chegando, colocamos o jogo que cada cliente deseja assistir nas outras televisões”, explica.

Ela revela que em dias de grandes decisões, como finais e clássicos, o retorno financeiro é bastante significativo. “Em relação ao faturamento, se o jogo for importante, pode dobrar, representando uma grande diferença em comparação aos dias normais.”

Entretanto, na noite maceioense, o Buenos Aires não é o único a atrair clientes e lucrar com o apoio das torcidas. A capital já conta com bares dedicados exclusivamente ao esporte, como o Five Sport Bar, no Maceió Shopping, que tem televisores até nos banheiros; e o Boteco da Bola, na Jatiúca, que exibe diversas partidas e oferece promoções para quem veste a camisa do próprio time em dias de jogo, unindo paixão e negócios.



## Quem force

Para os torcedores, ter ambientes voltados ao esporte também representa muito. João Vitor Lisboa é torcedor do Flamengo e conta que acompanhar os jogos em bares é indispensável. Frequentador do Caldinho Ele e Ela, na Jatiúca, ele destaca a energia coletiva e a emoção de assistir às partidas acompanhado.

“Eu prefiro muito mais assistir em bar. Não vou sozinho, mas quando tenho a oportunidade de ir com um amigo, uma amiga ou até com a namorada, acho excelente. É uma energia muito boa. Gosto de vibrar, comemorar gols e estar junto de outros flamenguistas. Geralmente os bares estão cheios deles, então sempre acabo fazendo novas amizades. Claro que se gasta um pouco, mas no final vale muito a pena.”, explica.

Para ele, o convívio entre torcedores transforma o momento em algo especial: “você ter essa relação com outros torcedores, compartilhar com um grupo social que gosta da mesma coisa, já é algo muito bacana. E quando se trata de futebol, que é emoção à flor da pele, é risada, é brincadeira, é

comentário o tempo todo, às vezes até choro.”

João relembra que o bar já foi palco de muitas histórias e emoções, mas algumas delas ocupam lugares especiais na memória. “Uma experiência marcante foi a final da Libertadores de 2022, quando o Flamengo saiu campeão. Eu estava no bar com amigos e foi um momento incrível. Também teve a virada do Flamengo, este ano, contra o Chelsea pela Copa de Mundo de Clubes. Era um jogo importantíssimo, o Flamengo venceu de virada e foi muito marcante. Fui apenas com um amigo, mas acabei fazendo amizade com todo mundo do bar. Cantamos juntos, vibramos e vimos o Flamengo ganhar. Foi uma experiência muito bacana”, concluiu o torcedor.

Seja flamenguista, seja atleticano, uma coisa é certa: o futebol é capaz de transformar a noite maceioense em um grande palco de emoções. Seja nas embaixadas, nos consulados, nos bares ou no estádio, o que importa é vestir a camisa, soltar o grito e vibrar pelo time do coração, mesmo quando se está distante.

# NOITES MAIS FAMÍLIA

*Praças e Circos: O resgate do lazer popular*

Thamyres Costa





**E**m Maceió, as noites ganham um jeito especial quando famílias buscam lugares para estar juntas. Seja nas praças, onde o convívio acontece de forma leve e cotidiana, ou debaixo da lona dos circos, que ainda resistem como símbolos de uma cultura popular e itinerante, o lazer se apresenta como espaço de encontro e partilha. Esses cenários, muitas vezes deixados de lado, voltam a se destacar como alternativas de diversão e convivência fora das telas e da correria diária.

As praças sempre foram, historicamente, espaços de encontro social. No Brasil do início do século XX, eram palco de festas religiosas, encontros políticos, jogos e saraus. O mesmo acontecia com os circos, que viajavam de cidade em cidade levando encanto, música e espetáculo a lugares onde a cultura formal raramente chegava. Tanto as praças quanto os circos eram pontos de encontro da comunidade, lugares em que o cotidiano se abria para a festa e a imaginação.

Com o tempo, esse protagonismo foi roubado pela modernização, pelos carros e, mais recentemente, pelas telas. O que antes era coletivo foi substituído pelo individual – e a experiência do lazer perdeu parte da sua dimensão pública. Hoje, no entanto, a revitalização das praças e a resistência dos circos reabrem esse passado em diálogo com o presente. Há quem vá para caminhar, ler um livro, praticar exercícios, encontrar os amigos ou simplesmente deixar as crianças correrem sem medo; há também quem encontre, debaixo da lona, a mesma sensação de pertencimento, encantamento e partilha que marcou gerações..

### **A vida na praça**

Eram quase 20h quando a diarista Maria Josineide da Silva chegou à Praça do Centenário

de mãos dadas com a neta Luísa, de apenas cinco anos. Sempre que passa por lá, a menina pede à avó uma parada obrigatória. “A melhor coisa que o prefeito fez foi essa praça. Ficou bonita, chama a atenção”, comenta Maria, lembrando que no bairro onde mora ainda não há nenhum espaço reformado como esse. Para ela, as noites ganham outro ritmo quando pode acompanhar a pequena no balanço ou simplesmente sentar em um dos bancos e observar o movimento.

A cena se repete noite após noite, transformando a praça em ponto de encontro de gerações. Famílias, jovens e trabalhadores dividem o espaço para passear, conversar, fazer piqueniques ou apenas descansar depois de um dia exaustivo.

Num tempo em que as telas - da TV ao smartphone - muitas vezes ocupam as horas de lazer, a retomada das praças como locais de convivência soa como um resgate cultural.

Enquanto em outras partes da cidade a noite pulsa ao som das baladas e bares lotados, na praça o ritmo é outro. A agitação cede lugar às gargalhadas de crianças no escorrega, às rodas de conversa no gramado e às famílias que se reúnem em torno dos bancos e das árvores.

Segundo a Organização Mundial da Saúde



Fonte iluminada na Praça Centenário. [Thamyres Costa]

(OMS), 60% dos adultos em grandes cidades passam menos de uma hora por semana em contato com a natureza. O resultado disso é mais estresse, ansiedade e isolamento. A revitalização das praças surge como um contraponto, devolvendo às comunidades o hábito de ocupar o espaço público.

A psicóloga Erica Freire explica: “A convivência em espaços públicos como as praças estimula o bem-estar emocional, reduzindo o estresse e fortalecendo os vínculos sociais”. Uma pausa ao ar livre permite respirar fora das telas e da rotina acelerada – um respiro que as baladas, por sua natureza intensa, dificilmente oferecem.

### **Trabalho e renda**

Às 18h em ponto, Arthur Felipe se prepara para ligar a bomba das fontes luminosas que fazem a alegria das crianças. Trabalhando dia sim, dia não, ele considera esse “o melhor emprego até agora”. Nos intervalos, aproveita para trazer os irmãos menores para brincar no escorregador. “A praça gerou emprego pra mim e diversão pra eles”.

A mudança também chegou para Maria José, conhecida como “Maria dos Salgados”. Antes diarista, ela montou um carrinho de quitutes e hoje prepara cada coxinha e empada com as próprias mãos. “Aqui é mais rentável, gosto de

ver gente, de conversar. Antes a praça era escura, abandonada. Agora abriu portas pra gente trabalhar”, conta. Ao final de cada mês, mesmo sem valor fixo, consegue pagar as contas e manter uma rotina menos estressante.

O fiscal dos ambulantes, Adriano Barbosa, reforça: “Todos precisam ser cadastrados para vender no espaço. Mesmo fora de datas grandes, como São João ou Natal, eles estão sempre por aqui, porque a comunidade frequenta todos os dias”.

A revitalização da Praça do Centenário não trouxe apenas um espaço renovado para lazer e

convivência, mas também evidenciou uma questão maior: a carência de áreas acessíveis de entretenimento em Maceió. Embora a praça seja hoje um importante ponto de encontro, ela não é suficiente para suprir a demanda de uma cidade que ainda carece de opções culturais e de lazer público em diferentes bairros. O contraste entre a vitalidade da Centenário e a ausência de iniciativas semelhantes em outras regiões mostra como o acesso ao lazer ainda é desigual, e como a população depende de poucos espaços para preencher essa lacuna.



*Ramylly Rodrigues, Yasmin Nicole e Thayna Correia, estudantes que estavam fazendo piquenique na Praça Centenário. [Thamyres Costa]*

## Quem ocupa os espaços da cidade?

Para Ramylly Rodrigues e suas amigas Yasmin Nicole e Thayna Correia, estudantes da Escola Estadual Professora Irene Garrido, a praça é o lugar certo para piqueniques ao entardecer. Elas elogiam a iluminação e a decoração que tornam o espaço único na cidade. “É um lugar bonito, culturalmente antigo. Só precisava manter a limpeza e cuidar da segurança”, comenta Yasmin.

Os totens de segurança permitem acionar a polícia em caso de emergência, mas a presença de guardas é eventual. Apesar de muitas famílias considerarem a Praça do Centenário uma das áreas mais seguras da região, episódios recentes mostram que essa sensação é frágil: em junho deste ano, um homem foi assassinado em



*Totem de segurança pública na Praça Centenário.  
[Thamyres Costa]*

frente ao local, levantando questionamentos sobre a efetividade da segurança.

Letícia Cabral, estudante e mãe do pequeno Marcos, mora na parte alta da cidade e, para que o filho possa brincar, se desloca até a Centenário – distante de sua casa. “Aqui é um lugar de convivência social da comunidade. Ele ama o escorrega, mas, confesso que é um pouco distante de casa.”, conta. O relato de Letícia expõe um dilema: para muitas famílias, o lazer público não está disponível a poucos passos de casa, mas exige tempo, transporte e disposição. Ou seja, não basta que um espaço exista; para ser de fato acessível, precisa estar próximo e integrado ao cotidiano da população.

No entanto, vale lembrar que reformas como essa só ocorreram após a indenização bilionária da Braskem, empresa responsável pelo maior desastre socioambiental urbano do país. A revitalização, nesse sentido, também revela uma contradição: enquanto algumas áreas foram requalificadas, outras permanecem sem atenção, reforçando desigualdades no acesso ao lazer e à cultura.

A revitalização das praças trouxe vida a 17 espaços, muitos deles na parte alta da cidade, como Clima Bom, Chã de Jaqueira, Cidade Universitária, Santa Amélia, Serraria, Benedito



*Diva Mesquita na aldeia indígena, ocupação Tereza de Benguela (Movimento Sem Teto de Salvador). [Arquivo Pessoal]*

Bentes, Pitanguinha e Jardim Petrópolis. Isso levanta a questão: será que a revitalização sozinha é suficiente para promover o lazer acessível a todos? É necessário considerar fatores como segurança, transporte e proximidade para garantir que as praças cumpram seu papel de espaços de convivência para toda a população. Mesmo nas praças revitalizadas, como as do Centro (Deodoro e Montepio), a ocupação pela comunidade ainda é limitada.

### **Respeitável público!**

O que ainda move alguém a ir ao circo? Em tempos em que a tela cabe no bolso, em que séries, jogos e vídeos curtos se oferecem a qualquer hora do dia, será que o picadeiro continua sendo um lugar de encantamento? Esse espírito coletivo desembocou no Bora Circar, um encontro semanal que já tem sete anos. Toda quinta-feira, às 18h30, a Praça Centenário se transforma em laboratório. Palhaços, malabaristas, acrobatas, curiosos. Ao redor, pessoas param, observam, às vezes se



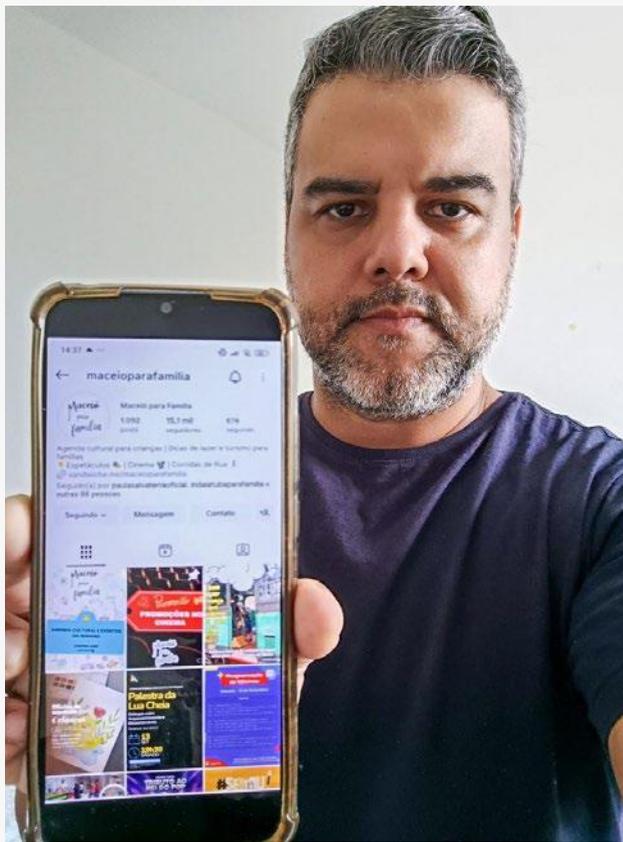
*Diva Mesquita na aldeia indígena, com os alunos da oficina equilibrando pratos, na ocupação Tereza de Benguela (Movimento Sem Teto de Salvador). [Arquivo Pessoal]*

arriscam a tentar. O treino é livre, aberto, gratuito.

Para a técnica ambiental e artista Diva Mesquita, não há dúvida: o circo é mais do que entretenimento. É uma prática pedagógica, um espaço de socialização, um treino para corpo e mente. “A acrobacia promove a realização pessoal, a superação de desafios; a palhaçaria ajuda a criança a perder a timidez e a desenvolver a criatividade.” Diva sabe disso não

apenas pela teoria, mas pelas oficinas que leva a diferentes públicos. Numa escola estadual, numa ocupação urbana, numa praça e até em uma aldeia indígena!

Se a formação acadêmica deu base a Diva, a rua foi a escola de Magnus Evandro. Há mais de dez anos, ela descobriu que um semáforo podia ser palco. Com três bolinhas no ar, o malabarismo virou sustento. Depois vieram o monociclo, o equilibrismo, o fogo. “Sinal fechou,



Lênio Brandão, criador do perfil Maceió para Família.  
[Arquivo Pessoal]

corre, trabalha, energia. Abriu, respira. E de novo." A rotina era exaustiva, mas também o inseriu numa rede invisível de artistas que viajavam pelas estradas brasileiras. Aprendeu com mochileiros, trocou técnicas, descobriu o palhaço. "A motivação é melhorar como artista e, ao mesmo tempo, mostrar para pessoas que muitas vezes não têm acesso ao circo. Quando você está na praça, alguém que está passando no dia a dia já vê uma arte acontecendo."

## Um guia para além das telas

Se antes as redes sociais eram vistas como vilãs, afastando as pessoas da vida coletiva, agora podemos encontrar o inverso. O digital não precisa isolar. As famílias também procuram espaços de lazer que não se restringe às praças. É nesse ponto que entra Lênio Brandão, criador do perfil Maceió para Família no Instagram (<https://www.instagram.com/maceioparafamilia/>).

A ideia surgiu quando uma amiga, vendo suas postagens pessoais, perguntou como ele descobria tantos eventos infantis que ninguém parecia divulgar. Criou então uma conta para concentrar a programação e, de quebra, mapear a cidade a partir dos olhos das crianças. "Nem todo mundo alcança conteúdo da mesma forma na internet, principalmente, programas para a família toda. Daí surgiu a ideia de criar a "página" Maceió para Família no Instagram: um local que reúne a programação para crianças em Maceió.", afirma.

Além do que o próprio algoritmo entrega, Lênio mantém uma busca ativa para não deixar nada escapar. Vasculha páginas oficiais da Prefeitura, perfis de artistas locais e até grupos de WhatsApp que divulgam programações de bairro. O foco são eventos gratuitos e abertos ao público, desde apresentações culturais em praças até oficinas em centros comunitários e feirinhas que misturam arte

e gastronomia. Mais do que listar opções, ele seleciona aquilo que tem potencial de reunir famílias e aproximar a comunidade.

Entre o malabarista que improvisa na esquina e a família que busca segurança para brincar na praça, a noite maceioense revela sua face mais complexa. Existe uma disputa por espaço e por direito à cidade. Diva insiste que o circo é uma ferramenta de transformação. Magnus mostra que a rua pode ser palco e sala de aula. Lênio lembra que sem a presença das famílias, a ocupação dos espaços públicos se esvazia.

Praças revitalizadas, espetáculos itinerantes

e até perfis digitais que funcionam como guias culturais só ganham sentido quando as famílias ocupam esses espaços, transformando-os em lugares de encontro e pertencimento. Em tempos de violência urbana e hiperconexão digital, sair de casa para viver a cidade em comunidade é também um ato de resistência e talvez o caminho mais simples para garantir que Maceió continue respirando através da sua gente. De artistas que equilibram pratos a pais que equilibram filhos nos ombros. De palhaços que insistem em provocar riso e de famílias que insistem em ocupar as praças.



*Pessoas descansando na Praça Centenário. [Thamyres Costa]*

# QUEM FAZ ACONTECER: A NOITE DE QUEM CRIA SUA PRÓPRIA FESTA

*Produtores independentes de movimentos culturais mostram que a noite maceioense também nasce da força de quem decide criar*

Samara Santos



*Luau do Sipá na Orla da Ponta Verde  
(Foto: @luaudosipaa)*



**N**a orla da capital alagoana iluminada pela lua, um violão ecoa e logo ganha companhia de palmas e vozes. Mais acima, o bairro da Santa Lúcia, luzes coloridas e batidas eletrônicas marcam um outro tipo de encontro. São cenas diferentes, mas compartilham a mesma essência: a noite maceioense feita por quem a vive.

O Luau do Sipá e a Febre Produções nasceram de iniciativas independentes e hoje fazem parte do calendário afetivo da cidade de Maceió. Não têm a grandiosidade dos eventos comerciais, mas carregam algo que os tornam únicos: a coletividade, a diversidade e a energia de quem acredita que a noite também é espaço de arte e encontro.

## Magia à beira-mar

Criado em janeiro de 2023 por João Sipá e Gustavo Correia, o Luau do Sipá (@luaudosipaa) começou como um simples encontro na praia e rapidamente se tornou tradição. Realizado uma vez por mês no Marco dos Corais, o evento já soma 15 edições em pouco tempo, sempre com público crescente. O luau é aberto a todos – reunindo diferentes gerações e estilos – e celebra



*João Sipá, um dos idealizadores do luau (Foto: Arquivo pessoal do cantor)*

a inclusão, a música e a conexão com a natureza.

Independentemente de patrocínios ou apoios, o evento gratuito reúne músicos, artesãos e artistas de diferentes áreas. O repertório plural transita entre samba, reggae, axé e MPB, conectando gerações. “Mais de 20 artistas já se apresentaram lá. Hoje o luau tem uma importância muito grande para a cultura de Maceió”, conta

João. Para mais informações sobre as edições, basta acompanhar o Luau do Sipá nas redes sociais - especialmente no Instagram.

A ideia é seguir crescendo sem perder a essência. Melhorar a estrutura, sim, mas mantendo a simplicidade do encontro à beira-mar. Para o produtor, só há uma palavra capaz de resumir o clima do evento: magia.



Abertura do luau com a apresentação de João Sipá (Foto: Arquivo pessoal do cantor)

## A intensidade da Febre

Na parte alta da cidade, no bairro da Santa Lúcia, um grupo de amigos transformou encontros em movimento. Foi assim que nasceu a Febre Produções (@febre-mcz), idealizada e conduzida por Luiz Arthur, que hoje conta com o produtor de eventos Matheus Alexandre e sua equipe de apoio.

O nome traduz bem a energia que move a produtora. A Febre começou como festa, cresceu como coletivo artístico e hoje já se reconhece como parte de um movimento cultural que valoriza a diversidade. DJs, artistas visuais, produtores, designers e performers se encontram nos eventos - sempre pensados para serem acessíveis e acolhedores.

A produtora já ocupou diferentes espaços, do bairro da Santa Lúcia ao Jaraguá, em edições gratuitas, como a "Febre Lab" ou de baixo custo, como o "Muvukão". "Nosso maior valor está em quem acolhe os artistas e transforma cada evento em uma experiência coletiva", resume Matheus.

Nos bastidores, há desafios, mas também leveza. Entre imprevistos e "correria", o

que prevalece é a sensação de intensidade compartilhada. “A Febre é esse calor bom, que traz coletividade e representatividade”, completa o produtor.

A Febre é uma produtora de eventos itinerante, sem um local fixo. Eles organizam suas próprias festas e também participam de eventos em casas de show e bares. O evento mais recente, por exemplo, foi realizado no Rex Jazz Bar. Para ficar por dentro do calendário de encontros, intervenções e participações, o ideal é acompanhar as redes sociais do grupo.

### A noite pelo olhar de quem vive

“Nos rolês da Febre eu me sinto confortável, sem muitas preocupações. A música é boa, a galera é simpática e aberta. Fiz diversos amigos assim”, conta Bárbara Lima. A moradora da parte alta destaca a importância da descentralização: “Gostei muito de não ter que passar perrengue para voltar para casa. A escassez de rolês na parte alta é enorme, e a Febre trouxe essa iniciativa.” Para ela, cada encontro é uma experiência única, “A chance de me abrir mais e aproveitar o que Maceió tem de melhor.”



Matheus Alexandre em evento da Febre no Rex Jazz Bar  
(Foto: Arquivo pessoal do produtor)

### A cidade em movimento

Do violão à beira-mar às batidas eletrônicas em bairros afastados, os encontros mostram que a noite maceioense está em constante reinvenção. O que une projetos como o Luau do Sipá e a Febre Produções não é apenas a música ou a festa, mas a capacidade de transformar momentos sim-

ples em experiências coletivas.

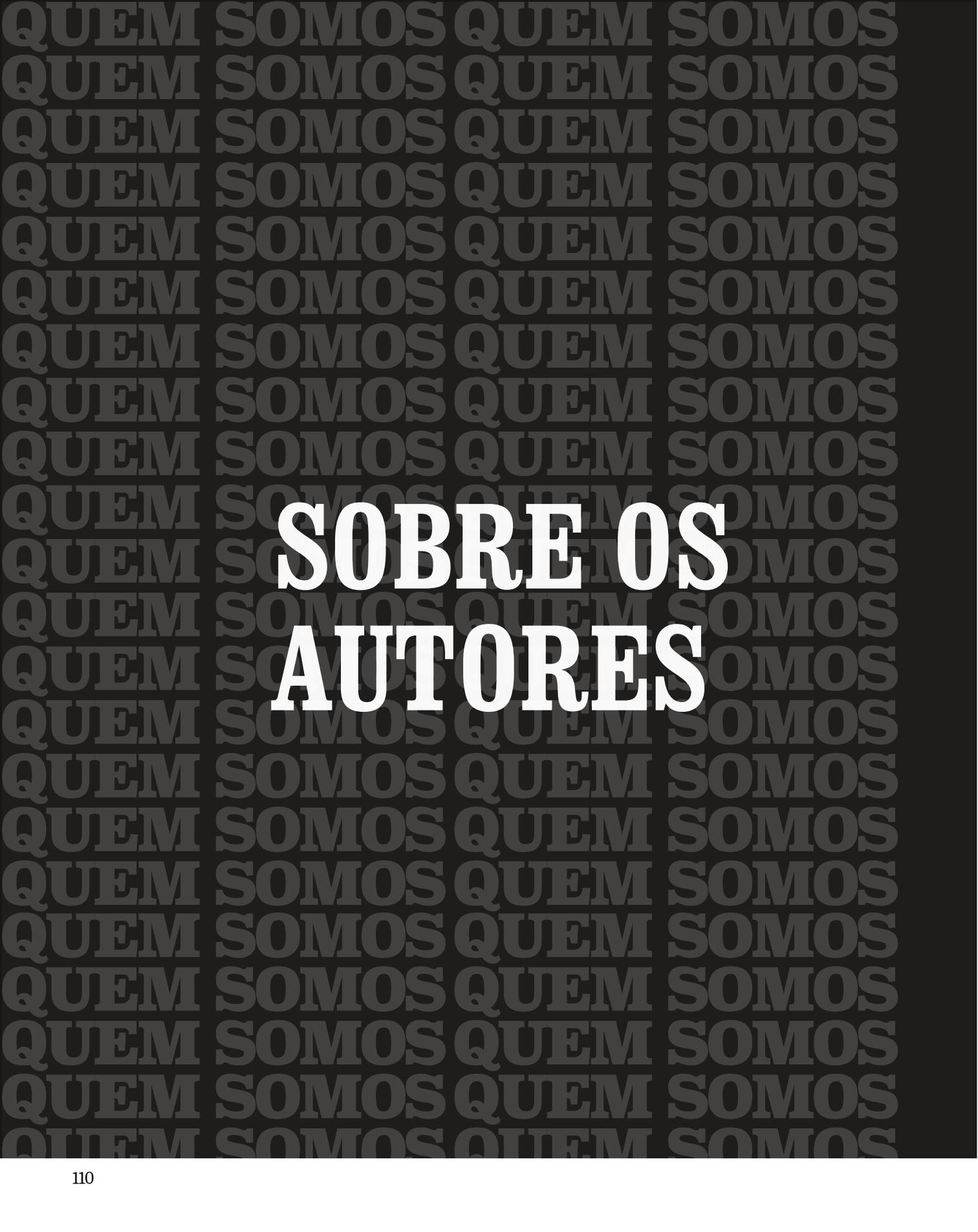
Mais do que “rolês”, eles são memória afetiva e prova de que a cultura também nasce da espontaneidade. Em cada edição, fica a certeza de que a cidade pulsa em novos ritmos – e que a noite, quando feita por quem a vive, sempre guarda algo vibrante.

No fim das contas, a noite de Maceió é muito mais do que luzes e festas – ela é feita por pessoas que, com coragem e criatividade-

de, constroem seus próprios espaços de encontro e expressão. Projetos como o Luau do Sipá e a Febre Produções mostram que a força da cultura local está na diversidade, na coletividade e no desejo genuíno de transformar a cidade em um lugar onde todos possam celebrar, criar e se sentir em casa, sem ingressos caros e grandes palcos. É nesse pulsar que a noite maceioense encontra sua verdadeira alma.

*Energia boa, vibe positiva para contemplar uma festa à noite (Foto: Arquivo Febre Produções)*





# SOBRE OS AUTORES



### ANDERSON SILVA

Alagoano com muito orgulho. A comunicação entrou na minha vida de forma inesperada. Foi um professor de Artes quem primeiro enxergou em mim algo que eu ainda não via. Ele insistiu para que eu conhecesse a área, acreditando que eu iria me encantar. No começo, duvidei. Sempre fui ligado às exatas, estudante de robótica e sonhador da engenharia mecatrônica. Mas a vida, com suas reviravoltas, me levou por outro caminho, e hoje entendo que ele estava certo. Me apaixonei pela comunicação. Me reencontrei nela. Hoje, estou onde deveria estar, e sigo buscando crescer, aprendendo a me comunicar com propósito, sensibilidade e verdade.



### JULYAN BOMFIM

Alagoana do interior, natural de Jundiá, tenho orgulho das minhas raízes e me defino como uma aspirante a jornalista sonhadora e resiliente. O que me impulsiona, tanto na vida pessoal quanto na profissional, é a capacidade de ser atenta, empática e forte. Amo minha família, que é meu alicerce e inspiração diária. Minhas principais aspirações estão ligadas ao desejo de experimentar o jornalismo em todos os seus vieses e estar onde o coração bate mais forte. No momento, é a comunicação pública e política que me move diariamente a desenvolver minhas habilidades.



**ALESSANDRA LIMA**

Arapiraquense com orgulho, carrego comigo amor e admiração pelo lugar de onde vim. Deixei a terra do fumo pelo jornalismo, movida pelo desejo de observar, ouvir e contar diferentes histórias. Hoje moro e vivo a noite (e o dia) maceioense em um contraste entre solidude e liberdade, entre o estresse da rotina diária e a calma que encontro em filmes e músicas. Entre muitos defeitos, exalto minha maior qualidade: sou flamenguista. Tenho uma relação muito forte com o futebol, que, para mim, assim como a vida, traz faltas, impedimentos, confusões e muita emoção.



**ANDRESSA THAINARA**

Sou alagoana e estudante de Jornalismo, movida pela curiosidade e pela vontade de descobrir fatos que fazem a diferença. Tenho grande interesse no jornalismo investigativo, onde posso unir dedicação, coragem e senso crítico. Meu maior objetivo é me tornar uma repórter muito conhecida pela minha capacidade de apurar histórias e uma jornalista reconhecida pelo bom trabalho, marcada pela seriedade, ética e compromisso com a verdade.



**CAROLYNE LIMA**

Nascida e criada na capital alagoana, sempre sonhei em ser jornalista, profissão que combina com a minha personalidade comunicativa e curiosa. Desde cedo, me encantei pelo universo das palavras, sendo apaixonada por livros de romance e, na adolescência, leitora fiel e fã da revista *Capricho*, que alimentou ainda mais o meu interesse pelo jornalismo. Hoje, sigo nesse caminho, ainda descobrindo minha área de atuação, mas com grande afinidade pela edição e diagramação, além de nutrir admiração pela área acadêmica. Amo estar cercada pela família e pelos amigos, que são parte essencial da minha trajetória.



**BEATRIZ CAROLINE**

Maceioense, criada entre Rio Largo e o conj. Eustáquio Gomes. Sou estudante de Jornalismo e apaixonada pela comunicação desde a infância, influenciada pelas referências da TV, e a primeira da minha família a se interessar pela área. Tenho grande apreço pela escrita, pelo audiovisual e por conhecer e contar novas histórias. Meu maior objetivo é consolidar minha carreira e, por meio da comunicação, impactar positivamente a vida das pessoas, aproximando realidades e ampliando vozes.



### **BRUNA BEATRIZ**

Natural de Penedo, interior de Alagoas, vivi a maior parte da minha vida em Maceió e iniciei o curso de jornalismo em 2023. Dentro do jornalismo, a minha área de maior identificação é o jornalismo cultural, porque gos de arte, sou apaixonada por música, especialmente MPB. Acredito que a música é uma das maiores formas de expressão e descrição de sentimentos. O jornalismo é a ponte que me liga a cultura, a arte, a informação e principalmente a singularidade das pessoas e a complexidade de suas histórias que, como jornalista, eu tenho espaço para ouvir, trocar descrever e compartilhar.



### **BEATRIZ DOMINGOS**

Nascida e criada na capital alagoana. Apaixonada pelo mar, pôr do sol e momentos de qualidade. Realizando um sonho de infância que é cursar jornalismo, e cada vez mais encantada com tudo que existe dentro da área. A comunicação está sempre em expansão, e poder fazer parte disso é uma realização. É sobre buscar adquirir e repassar conhecimento.



### **ERLANIA SORIANO**

Pedagoga, natural do município mais belo do litoral Sul, Jequiá da Praia, Alagoas, sou apaixonada por formar e fascinada por informar. Vejo-me como uma ponte entre a educação e o jornalismo, encontrando em ambas as áreas a oportunidade de cumprir aquilo que considero minha missão de vida. Da contação de histórias infantis às narrativas da vida real, sigo movida pelo compromisso com causas justas e pela defesa dos direitos humanos. Educar e comunicar, para mim, são caminhos que se cruzam e é nesse encontro que sinto o verdadeiro poder de impactar e transformar vidas.



### **BRUNO CARLOS MONTEIRO**

De São Miguel dos Campos, Alagoas. Diretor. Produtor. Radialista. Quase Jornalista. Amante do esporte e apaixonado por futebol. Torcedor fanático do São Paulo e do Liverpool. Fifeiro desde 2007. Fã de cultura pop, séries, filmes, música boa e do maior cantor de todos os tempos, Michael Jackson. Vivendo a vida de maneira bem humorada e sem muito a reclamar. Neto de dona Alcinda. Esposo de Priscilla. Pai do Bento.



**GIOVANNA AGUIAR**

Sou pernambucana de origem, mas moro em Maceió desde que me entendo por gente. Desde pequena, escrever sempre foi uma paixão, criar personagens e dar sentido a cada história se tornou um dos meus passatempos favoritos. Sonhava em viver da escrita, e foi no jornalismo que encontrei esse caminho. Gosto de ouvir, contar e explorar histórias, especialmente aquelas que vêm de outros mundos. Nas horas vagas, mergulho no universo das esculturas e me encanto com obras asiáticas, que alimentam minha criatividade e imaginação.



**GABRIEL RICARDO**

Maceioense, gótico, emo e amante de ficção científica, tatuagens, metal, post punk, literatura gótica, boxe e cultura geek. Possui uma intrigante obsessão pela morte, pelo horror, o bizarro e o macabro. Geralmente contempla a vida da mesma forma como se encara uma briga de facas: aguardando a tragédia inevitável.



**HANDERSON VIEIRA**

Alagoano e fotógrafo há mais de 10 anos, apaixonado por audiovisual e comunicação. Já explorei várias vertentes da área, mas foi a imagem que me conquistou. O que me inspira vai além das câmeras: é a confiança que clientes, parceiros e amigos depositam em mim e, sobretudo, o apoio da minha família. Eles são minha base, meu combustível e motivação para transformar sonhos em realidade. Hoje, os eventos sociais são minha principal atuação e a proposta da revista, ligada à noite maceioense, conversa diretamente com minha vivência. Sou grato por viver do que um dia foi apenas sonho e sigo motivado a entregar sempre o meu melhor em cada oportunidade.



**JOBSON VIANA**

Maceioense com sotaque do Ceará, ator de coração e futuro jornalista por formação, transitando pelas artes em um mundo que odeia artistas. Atraído pela comunicação desses que era mais novinho, igualzinho um besouro em direção a luz, buscando fazer a diferença em uma realidade cada vez mais hostil.



**KLEBSON FERRO**

Alagoano e orgulhosamente nordestino, apaixonado pela vida real e as histórias que nascem dela. Amante da música e curioso pela mente humana, enxergo no jornalismo a chance de colocar em foco aquilo que merece visibilidade, acreditando que a comunicação tem o papel de dar voz e relevância à cultura e à humanidade.



**LUCIANO L. ARAÚJO**

Natural de Maceió/AL, é apaixonado pela linguagem humana, a qual envolve os processos da comunicação social. Dr. em Letras/Linguística, busca compreender os estudos da linguagem nas diferentes materialidades discursivas na sociedade.



**MATHEUS FLORENCIO**

Nascido em Rio Largo, sou apaixonado por esportes, especialmente futebol, WWE, música urbana e cultura de batalhas de rima, sem esquecer do meu amor imensurável pelo São Paulo Futebol Clube, quem tem três, tem mais. O que mais me fascina no jornalismo é a liberdade de ampliar perspectivas e transformar realidades através da comunicação. Pretendo não apenas focar nas áreas que amo, e que se dependesse de mim, passaria horas falando com qualquer pessoa, mas todas possíveis. Acredito que o conhecimento é sempre importante e eleva tanto o nível pessoal quanto o profissional.



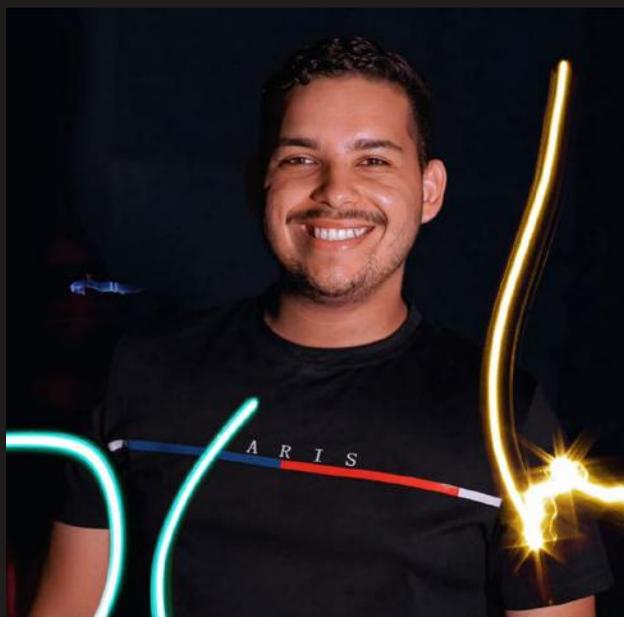
**MICKAEL SEVERO**

Oriundo do interior de Alagoas e nascido em São Miguel dos Campos. Ao longo de sua trajetória pessoal encontrou na arte uma forma de se enxergar no mundo. Cinema, música, fotografia e literatura permeiam o seu interesse e influenciam profundamente sua visão das coisas. Na comunicação percebe a oportunidade de colocar em palavras as coisas que lhe movem e consegue traçar um plano de futuro a partir das ferramentas alcançadas através da linguagem. Grato pela sensibilidade humana. Sente-se honrado em ser diretor de arte deste projeto.



**PEDRO VINICIUS**

Recifense, estudante de jornalismo, integrante da representação estudantil da Ufal e do curso, criador de conteúdo no TikTok e Instagram, tuiteiro e frequentador - não tão assíduo - das noites maceioenses. Quem me vê de longe me vê em muitos lugares e de muitas formas porque sou de tudo um pouco. Gosto de viajar para conhecer lugares novos, de passar horas vendo vídeos de gatinhos no feed e de trocar fofocas com os amigos. Assim como gosto de música pop, gosto de automobilismo. Porém, não sou fanático por ouvir álbuns ou assistir todas as corridas. Levo a sério os meus momentos de lazer e brinco em situações sérias para quebrar o gelo. Este sou eu por mim mesmo em uma versão reduzida.



**PAULO DANTAS**

Natural de Bom Conselho, Pernambuco. Tenho um amor que não cabe no peito pelo minha cidade e pelo meu estado. Sempre sonhei em cursar jornalismo, desde muito novo imitava repórteres e narradores, também pela minha outra paixão que é o futebol. Apaixonado pelo tricolor paulista, sonho em trabalhar no jornalismo esportivo. Tenho um portal de notícias no Instagram voltado às notícias de minha cidade Natal - Bom Conselho em Foco. Este projeto que só acalentou ainda mais meu amor pelo jornalismo. Espero sempre conquistar mais e mais, esse projeto também carrega um pouco de mim.



**SAMARA SANTOS**

Natural de Maceió (AL), sempre fui apaixonada por cultura, histórias e pelas conexões que elas criam entre as pessoas. Na comunicação, enxergo um elo vital para construir pontes por meio do diálogo aberto e respeitoso, valorizando diferentes visões e perspectivas dentro da prática do jornalismo. Minha maior inspiração é minha filha, Olivia: é por ela que me dedico diariamente, para que cresça com um espelho de força e coragem, pronta para seguir seus próprios sonhos. Sou grata pela experiência e pelas trocas que este projeto editorial proporciona.



**SHAYANE LOURENÇO**

Natural de Joaquim Gomes, sou a primeira da família a cursar jornalismo. Gosto de futebol, séries, filmes e músicas. Sonho em viver muitas oportunidades e construir relacionamentos profissionais por meio da comunicação. A universidade vem me proporcionando experiências e momentos únicos que eu não imaginava viver. Quero rodar o mundo ouvindo e contando histórias.



**THAMYRES COSTA**

Maceioense de todo coração, estudante de jornalismo, adoro escrever, ouvir música e fazer colagens, tenho bastante afinidade com as temáticas de gastronomia, cultura, comportamento e sociedade. O jornalismo pra mim é mais que uma escolha, é como um propósito de vida. Ter a escuta sensível, olhar além do que se vê, contar histórias que inspiram, que tenham profundidade, pluralidade e que trazem impacto social é uma das maiores realizações da vida.



**VANESSA THALIA**

Natural de São Luís do Quitunde, interior de Alagoas, sou a primeira da família a cursar uma graduação e está dentro de uma faculdade e cargo comigo a força dos que vieram antes de mim. Apaixonada pela literatura, escrita, por contar e ouvir histórias e pela produção editorial. Jornalismo para mim é a ponte para que eu possa conhecer, vivenciar e contar histórias que precisam ser ouvidas. É o caminho que irá unir quem sou, com o sonho que quero construir.



**WESLEY TRAJANO**

Maceioense e morador do Biu, foi nas páginas da Revista Recreio que ainda criança me interessei pelo jornalismo. Fascinado por cinema de gênero, filmes de suspense são os meus favoritos. Entrei na graduação com uma preferência pela parte de redação, mas acabei descobrindo uma certa afinidade com a diagramação, na qual atuo neste projeto.



**VITOR BRAGA**

Natural de Maceió, onde se graduou como jornalista (em 2002) e retornou para lecionar na mesma instituição que o formou (em 2022). Orientador do projeto e jornalista responsável. Gosta de literatura, cinema, séries, videogame e praia. Apaixonado por esportes, sobretudo por corrida e pelo Flamengo.

## **ARTUR HENRIQUE**

Natural da capital alagoana, vivi meus primeiros meses no Prado, mas cresci na Santa Amélia, onde estou até hoje. Desde pequeno, sob forte influência do meu pai, que me levou a incontáveis partidas, sou apaixonado por futebol. Porém, foi no vôlei que me encontrei como um atleta e vivenciei e continuo vivenciando ótimos momentos. Também gosto de assistir filmes e ler livros, independentemente do gênero. Aproveito o tempo livre com a família e amigos, e dou a devida atenção ao meu desenvolvimento espiritual. Espero ter bons aprendizados com a disciplina e que ela possa agregar à caminhada acadêmica e profissional.

